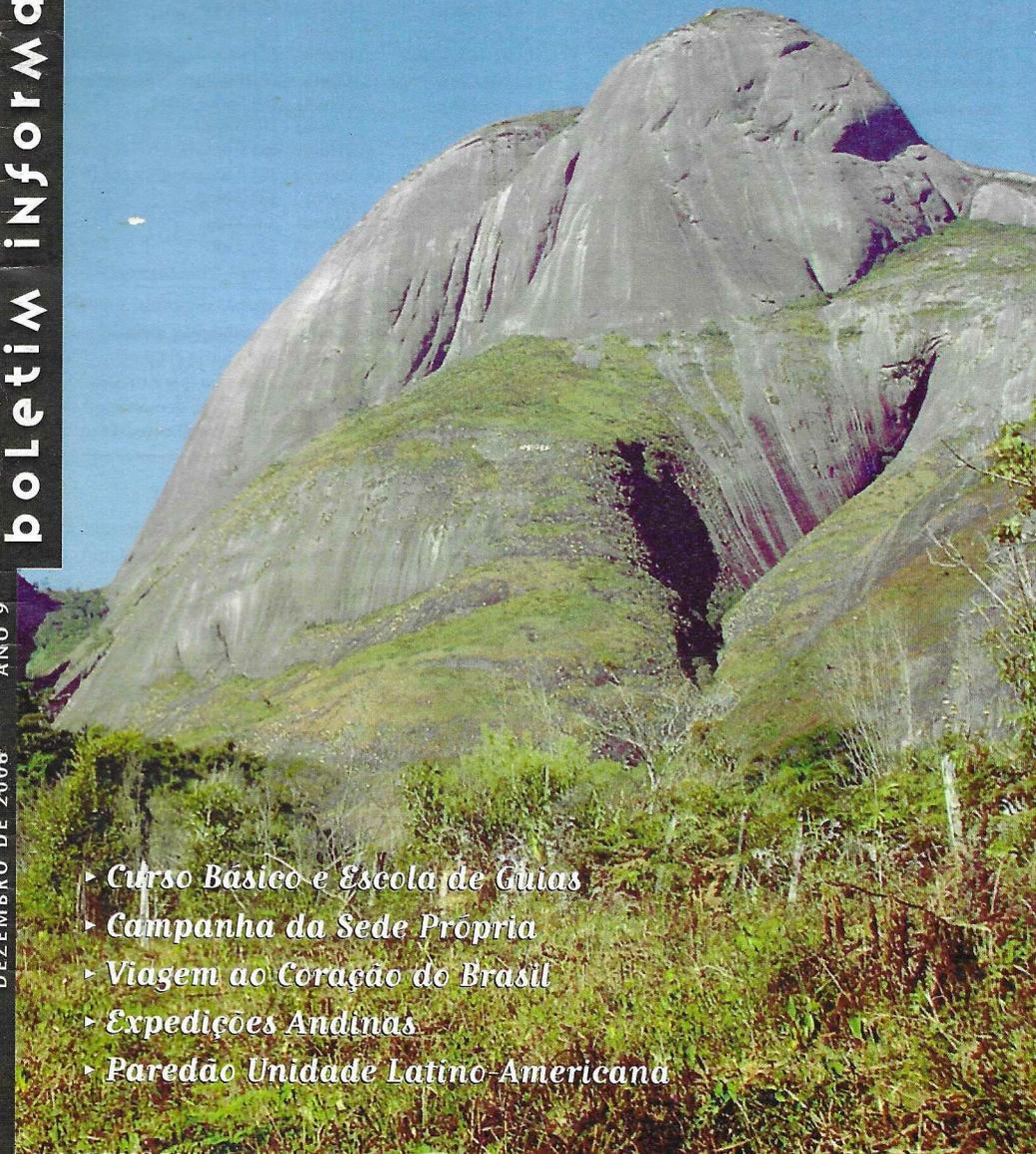


UNICERJ

UNIÃO DE CAMINHANTES E ESCALADORES RIO DE JANEIRO

- 
- ▶ *Curso Básico e Escola de Guias*
 - ▶ *Campanha da Sede Própria*
 - ▶ *Viagem ao Coração do Brasil*
 - ▶ *Expedições Andinas*
 - ▶ *Paredão Unidade Latino-Americana*

Fundada em 17 de abril de 1998

CGC 02.593.668/0001-15

Largo do Machado 29 / 609

22.221-901 - Rio de Janeiro, RJ

Tel. (21) 3826-1459

www.unicerj.org.br

unicerj@unicerj.org.br

Reuniões sociais às quintas-feiras a partir das 20:30 h

DIRETORIA

Presidente *Oswaldo Pereira (Santa Cruz)*

Vice-Presidente *Christian Costa*

Diretor Técnico *Leonardo Perrone (Leo)*

Diretor de Ecologia *Eduardo Buarque de Alcazar*

Diretor de Divulgação *Osiris Gopfert*

Diretor de Documentação *Daniel Bonolo*

Diretor Financeiro *Tarcisio Rezende*

Diretor Secretário *François de Paiva*

Diretora Social *Lucia Ladeira*

ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO

Presidente *Filipe Alvarenga*

FUNDADORES

Aleksandra Krijevitch, Christian Costa, Filipe Alvarenga, Gustavo Mello, José Zaib, Leonardo Perrone, Lucia Ladeira, Luis Sayão, Marcos Eboli, Oswaldo Pereira, Ricardo Borges, Ricardo Prado, Rita Montezuma e Tarcisio Rezende.

Lançada a Campanha da Sede Própria

Agora é realidade, começou a concretização do sonho. No dia 13 de novembro, numa segunda-feira repleta de emoções, a sócia fundadora Aleksandra Krijevitch fez o lance inicial da mais nova conquista da Unicerj. Ela fez a 1ª doação para o fundo da Campanha da Sede Própria no valor de R\$ 600,00, o que equivale a 30 mensalidades pelo valor atual. Além da transferência de R\$ 10.000,00 para o fundo da campanha, provenientes do saldo corrente disponível do Clube, acumulado desde a sua fundação em 1998, mais sócios já aderiram com suas doações, fazendo acreditar na viabilidade do projeto de aquisição da Sede Própria, mas, sobretudo, que é

CORPO DE GUIAS DA UNICERJ: 35 GUIAS

GUIA	FORMAÇÃO	GUIA	FORMAÇÃO
1) Bira	(2004)	19) Leandro	(1999)
2) Bonolo	(2004)	20) Leo	(1999)
3) Borges	(1990)	21) Lucia	(1988)
4) Buarque	(2002)	22) Luis	(2004)
5) Carlos Alberto	(2004)	23) Marcos	(1999)
6) Cassio	(2000)	24) Osiris	(2006)
7) Cela	(2004)	25) Paulo	(2004)
8) Celeste	(2004)	26) Porto	(2004)
9) Christian	(1990)	27) Prado	(1990)
10) Clety	(2004)	28) Rodrigo	(2004)
11) Fabio	(2004)	29) Santa Cruz	(1973)
12) Favre	(2006)	30) Sayão	(1984)
13) Filipe	(1989)	31) Sonia	(2000)
14) François	(2006)	32) Tarcisio	(1989)
15) Godinho	(2002)	33) Thiago	(2006)
16) Hugo	(2000)	34) Willy	(1984)
17) Kenji	(2000)	35) Zaib	(1975)
18) Koiller	(2000)		

Estes são os que podem planejar, organizar e liderar as atividades excursionistas promovidas pela Unicerj. Portanto, se você deseja fazer alguma excursão, entre em contato com um desses Guias para que a mesma seja programada pela Unicerj e aberta aos demais sócios.

Leo, Diretor Técnico

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Aleksandra Krijevitch, Christian Costa, Daniel Bonolo, Eduardo Buarque, Filipe Alvarenga, José Zaib, Leandro Chen, Leonardo Perrone, Lucia Ladeira, Luis Sayão, Marcos Eboli, Osiris Gopfert, Oswaldo Pereira, Ricardo Borges, Ricardo Prado, Tarcisio Rezende e Willy Chen.

possível construir um futuro forjado pela união de pessoas, conscientes de que o esforço voluntário, entusiasmado e desinteressado, é um dos caminhos para transformar a sociedade. Seguindo os passos de todos os Clubes de Montanhismo de outrora, que erguiam as muralhas da sua fortaleza amparados na energia solidária dos seus sócios e no amadorismo, nós, da Unicerj, prosseguimos lutando para manter esse espírito vibrante e fiel à prática do montanhismo não competitivo, abrindo espaço a todos que desejam, de forma altruísta, compartilhar conhecimento, enriquecer as relações fraternas e manter pujante o ideal comum refletido nas nossas Cartas Abertas à Sociedade. **Conselho de Administração**

editorial

"Todos são livres mas ninguém pode usar de sua liberdade de modo a reduzir a liberdade dos outros ou a criar riscos para a vida de outras : : pessoas."

Dalmo de Abreu Dallari
Jurista

O Montanhismo hoje, leia-se escaladas, descidas e caminhadas, está na pauta das atividades exercidas pelo homem que se pretende legislar. Ultimamente, a crescente demanda para a prática eventual dos chamados esportes radicais ou de aventuras, nestes incluído o Montanhismo, fez com que pessoas e empresas, enxergando oportunidades de trabalho, passassem a oferecer serviços de Guias. Com isso, o Montanhismo no Brasil que sempre fora praticado, principalmente, através dos Clubes concebidos para atuarem de forma amadora, despertou para o mercado da geração de emprego e renda. O Montanhismo então, visto como atividade profissional, é inserido no contexto sócio-trabalhista como turismo ecológico. Daí, políticos e gestores de áreas naturais, preocupados com o desenvolvimento desordenado dos operadores dessa modalidade de turismo, e também com o uso descontrolado dos Parques públicos, propuseram alguns projetos de lei e planos de manejo. Embora bem intencionadas, as propostas de lei, em síntese, tratavam da visitação das áreas dos Parques acompanhados exclusivamente por Guias de Turismo ou Condutores de Visitantes, e os planos de manejo não contemplavam a diversidade de estilos dos montanhistas amadores, além de impor restrições de acesso e uso baseados em teses que são contestáveis dos pontos de vista científico, jurídico e da tradição.

No ano passado participamos do Seminário de Salinas e, neste mês de dezembro, da reunião da Câmara Técnica e Turismo de Montanha do Parque Nacional do Itatiaia. Em Salinas, o propósito foi a apresentação da sugestão para o plano de manejo do Parque Estadual dos Três Picos, onde foram delineadas regras de conquista para vias de escaladas e caminhadas. No calor da discussão, convergimos em muitas sugestões colocadas e apresentamos outras bem aceitas. Entretanto, neste Seminário ficou patente certo extremismo acerca de alguns conceitos de estilo de escalada, confundidos erroneamente com ética. Uma coisa é defender a prerrogativa do seu direito de praticar o Montanhismo da forma que lhe convém, e lutamos por isso. Outra, bem diferente, que não iremos aceitar, é tentar impor um modo único de praticar o Montanhismo em nome de um pretenso e falso consenso. Falso consenso porque as federações não representam todos os Clubes de Montanhismo existentes e, sobretudo, porque a grande maioria dos montanhistas não é filiada aos Clubes.

O "estilo único" preconiza que as vias de escalada devam ser padronizadas. Sob o argumento de ser mais ecológica, o que não é verdade, seus apologistas defendem a disseminação peremptória do uso de equipamento móvel em fendas. Será que o uso do equipamento móvel nas fendas, que são depósitos naturais de vegetação, causa menos impacto que um grampo bem posicionado? Outro ponto, que causa perplexidade, são as propostas encaminhadas pelas entidades federativas de alguns Clubes, que ao invés de defender a profusão sócio-educativa e integradora entre as pessoas e o meio ambiente, criando alternativas viáveis e sustentáveis para a abertura irrestrita das áreas tangíveis dos Parques, apóiam e sugerem acesso reduzido, bem como regras contraditórias para se conquistar, principalmente, vias de escaladas e descidas. Será mesmo possível, como prevê a regulamentação apresentada por essas entidades, determinar, a priori, mesmo por estimativa, o número máximo de grampos da via? A duração da conquista em dias? Quais serão os participantes de todas as investidas? e, sobretudo, a rota a ser seguida e sua extensão? Só quem não conhece a alma dos Clubes de Montanhismo amadores e sua vida social, ou então aqueles que nas sombras das aparências se apresentam como eternas verdades poderiam sugerir tais regras.

Na história clássica do Montanhismo brasileiro, a liberdade de estilos, consciente e responsável, sempre protagonizou as escaladas e conquistas. Esse espírito, nós da UNICERJ, procuramos manter vivo. Imagine se Silvio Mendes, escalador brilhante e expoente da sua geração, conquistador do Pico Maior de Friburgo, Salinas, em 1946, tivesse no seu calcanhar essas malfadadas regras, sendo obrigado a uma conduta absolutamente transversa do seu estilo, não podendo, por isso, gerir sua própria conquista com os métodos e artefatos da sua livre escolha, inclusive usando, como fez, recursos da própria natureza, tendo que cumprir prazos de conquista, hora para entrar e sair do Parque, número máximo de grampos e distância mínima entre eles, não poder subir a rocha pela rota que mais lhe atraísse. Provavelmente seríamos hoje uma geração sem história nem exemplos para admirar. A partir de meados dos anos 80, algumas pessoas intencionadas em tornar padrão um conceito de escalada, passam a condenar e estigmatizar os demais estilos sob os argumentos de retrógrados, antiecológicos e antiéticos, quase sempre injetados pelo ferrão satírico. Sob a bandeira dos conceitos "escalada limpa e mínimo impacto", divulgam suas idéias como se fosse a panacéia universal, ameaçando aniquilar quem se manifestar contrário aos seus propósitos.

Atualmente, em meio à névoa das secretas ingerências dos defensores do "estilo único", constatamos nos textos das regras de manejo dos Parques, relacionadas às escaladas e excursões em geral, intenções altamente excludentes do ponto de vista humano, elitistas e sem as tradições dos Clubes de Montanhismo amadores, que por

dezenas de anos construíram os pilares de respeito mútuo, solidário e participativo perante as direções dos Parques Nacionais.

Estamos convencidos de que a adoção das regras, como estão propostas, para uso dos Parques da Serra dos Órgãos, da Serra do Cipó, Estadual dos Três Picos e agora o do Itatiaia, fragilizará os Clubes de Montanhismo e a sociedade em geral, devido às barreiras técnico-burocráticas e financeiras, transponíveis, obviamente, por uma reduzida elite privilegiada. A longo prazo, os Parques também têm muito a perder com a adoção de políticas cada vez mais restritivas à visitação. Sem um maior envolvimento e integração com a sociedade, a importância de tais Unidades de Conservação tende a ser menos reconhecida pela população e com isso os Parques acabarão tendo cada vez menos recursos e força para combater verdadeiras ameaças ilegais como explorações, caça, pecuária e desmatamento, estas sim atividades destruidoras com que deveríamos nos preocupar e combater.

Se cruzarmos os braços pagaremos caro pelo cômodo conformismo. Segundo Aristóteles, Sólon havia redigido suas leis de forma propositadamente obscura, para que dessem lugar a muitas controvérsias e oferecessem assim ao Estado o meio de aumentar, com o julgamento destas, sua autoridade sobre os cidadãos.

É lógico e compreensível que a visitação e uso das áreas públicas devam ser regulados por direitos, deveres e punição aos infratores. Todavia, aproveitando-se da boa fé das autoridades e servidores públicos, assim como da sua inexperiência no que diz respeito a escaladas, pretende-se aprovar leis que reprimem a liberdade e suprimem a pluralidade de estilos, ferroa grilhões nas mãos de todos os montanhistas, violenta as raízes dos Clubes de Montanhismo amadores e fere a democracia.

Todo montanhista, exceto as cabeças coroadas e os aduladores servis de plantão, terá que se enquadrar num modelo pré-estabelecido, submetendo sua consciência moral ao crivo de julgadores empunhando a batuta do "estilo único" de se praticar o Montanhismo.

Sempre afirmamos e reafirmamos que no Montanhismo deve prevalecer a pluralidade de estilos, assim como não somos opositores à profissionalização na atividade. Não adotamos a retórica como discurso das idéias em que acreditamos. Nossas ações, perpetradas por nossas conquistas e trabalhos voluntários, sistemáticos e representativos, junto às administrações dos Parques Nacionais, nos credenciam a lançar críticas construtivas quanto às normas propostas para escalar montanhas, tônica dos últimos fóruns de discussões que participamos. Como um biombo invisível, essas regras, das quais se creditam contornos de verdade, escondem o propósito de cancelar o "estilo único" sob o manto do conceito em voga denominado mínimo impacto.

Que se tem notícia, é a primeira vez no Brasil que se pretende regular a atividade

de se escalar montanhas. Não há, no ordenamento jurídico pátrio, leis, nem jurisprudência, que tratam especificamente do assunto. Entretanto, as conclusões definitivas da Promotora de Justiça e da Juíza de Direito que atuaram no processo da Chaminé Stop, Pão de Açúcar, RJ, narrado no editorial do nosso Boletim nº 9, oferecem uma visão promissora, do ponto de vista legal, a respeito da prática do montanhismo. Segue abaixo alguns trechos do relatório e da sentença prolatada em 08/09/2005.

"...Ocorre que não é admissível, que praticantes de montanhismo, por conta de diversidade de opinião em relação ao modo como este deva ser praticado, coloque em risco a vida de seus semelhantes, retirando grampos de segurança.

Estamos em um Estado Democrático de Direito e, portanto, a montanha é de todos, e cada qual tem o direito de praticar o montanhismo de forma como julgar que deve praticá-lo, sem ter que se submeter a risco de vida, imposto por quaisquer grupos.

A CRFB(Constituição da República Federativa do Brasil), em seu art. 5º, garante os direitos fundamentais de todos e estes preceitos, em hipótese alguma, podem ser desconsiderados. Os direitos e deveres são iguais para todos..."

"...Em que pese o pensamento propalado pelo réu sobre manter a originalidade dos grampos em respeito à ética no montanhismo, o fato é que não existe uma regulamentação desse tipo de esporte, permitindo, assim, uma liberdade de execução da escalada..."

"...A questão não reside em se definir quantos grampos devem permanecer fixados na rocha. Usa o grampo quem assim desejar. Porém, não poderia o réu retirá-los de modo a fazer prevalecer o seu princípio ético de montanhismo..."

"...Se o montanhismo é um esporte de liberdade, tal liberdade deve atentar para dois princípios básicos: proteger as montanhas e respeitar os outros que a frequentam..."

Sempre defendemos mais autonomia de recursos na gestão dos Parques Nacionais, para que possam melhorar as estruturas de preservação da natureza, e também monitorar, com mais eficácia, o acesso receptivo e uso das suas áreas.

Nos países vizinhos, Argentina, Chile, Peru e Bolívia, o uso e a visitação dos seus Parques por centenas, milhares de pessoas, não são fatores degradantes da natureza. Com funcionários bem treinados e amistosos, acampamentos e abrigos estrategicamente localizados, bem conservados e servidos com pessoal de apoio e instalações adequadas, trilhas sinalizadas e conservadas, mapas das trilhas e das escaladas bem elaborados graficamente para todos os níveis de consulta, palestras e vídeos educativos ministrados de rotina nos centros de visitantes e museus, são exemplos incontestes de que os Parques, administrando seus recursos com criatividade e inteligência, têm papel significativo na sociedade, inspirando nos seus cidadãos civilidade e o respeito e zelo com o patrimônio público. 

Livro de cume

Cumprindo as metas do Estágio Supervisionado da ETGE/2005, foram postos quatro livros de cume em expressivas montanhas do Rio de Janeiro:

Em 13 de novembro de 2005, o estagiário François deixou o primeiro livro no Paredão Lindaurea Pereira, Morro da Babilônia, com a supervisão do Guia Leandro; numa excursão com bivaque, nos dias 18 e 19 de março de 2006, foi deixado pelo estagiário Thiago o segundo livro no Pico do Eco no PNSO, supervisionado pelos Guias Filipe, Buarque e Leo; Osiris, sob a supervisão dos Guias Filipe e Willy, deixou, no dia 26 de março de 2006, o terceiro livro de cume no Bico Maior, Vale dos Frades, em Teresópolis; o quarto livro foi deixado no dia 1º de abril de 2006 no último grampo da Chaminé Stop, Pão de Açúcar, pelo estagiário Favre com a supervisão do Guia Bonolo.

E não podemos deixar de registrar o livro de cume que levamos para o Morro das Antas, após a reabertura da trilha, no dia 2 de julho de 2006. Participaram dessa excursão os Guias Bonolo, Buarque e Santa Cruz, acompanhados da sócia Gabriela Huamán. Nesta montanha magistral concluímos no mês seguinte, após 22 investidas a conquista da Paredão Unidade Latino-Americana.

• Campanha da Sede Própria

Com o objetivo de consolidar a Unicerj, dando uma real perspectiva de perenidade, pretendemos em breve conquistar, com a participação de todos os sócios, uma Sede Própria.

Para adquirir um imóvel adequado aos nossos objetivos acreditamos ser necessário um montante de pelo menos R\$ 120.000,00.

Como forma de atingirmos esse valor, sem abrir mão dos princípios em que acreditamos, decidimos criar Certificados de Doação, com o direito de atenuar a mensalidade do sócio em até 50%.

Desse modo, após dois anos ouvindo os sócios, o Conselho de Administração decidiu lançar 200 Certificados de Doação Plenos de R\$600,00 cada um, perfazendo o total que seja suficiente para adquirirmos a Sede Própria.

Os sócios que quiserem participar da Campanha, mas não quiserem ou puderem contribuir com o valor acima, poderão adquirir frações do Certificado Pleno.

Fração	Doação	Atenuação da Mensalidade
4/5	R\$ 480,00	40%
3/5	R\$ 360,00	30%
2/5	R\$ 240,00	20%
1/5	R\$ 120,00	10%

Enfim estamos em campanha!

Esperamos a participação de todos. Além dos Certificados de Doação, haverá eventos sociais, rifas, festas e outras formas de mobilização visando este grande objetivo.

• Nos dias 3 de junho e 30 de setembro de 2006, respectivamente no Alto do Anhangüera e no Campo Escola 2000, foram realizados dois encontros entre os Guias da Unicerj onde foram discutidos o planejamento de atividades e a própria organização interna do Clube.

• O Programa de Voluntariado do Parque Nacional da Tijuca está atravessando um período de transição. O voluntariado vinha sendo tocado pelos funcionários contratados pelo Parque, mas os contratos acabaram no início de dezembro e ainda não foram renovados. Estamos aguardando os próximos passos e nos mantemos a disposição para a manutenção de trilhas, limpeza ou qualquer outra atividade ecológica no PNT.

• Em 27 de setembro de 2006 a Unicerj ganhou um novo sócio, o Juliano Gabriel, filho do Daniel Grimm e da Christiana Tribuzi. Ainda que longe, já que nasceu na Alemanha, ele já faz parte da família unicerjense.



Viagem ao coração do Brasil

Creio ser impossível ler o clássico “Viagem ao Centro da Terra” de Júlio Verne, sem ficar impactado. Desde 1864, quando foi lançada, esta obra vem marcando profundamente e imprimindo o gosto pela aventura a sucessivas gerações de crianças e adolescentes, entre os quais me incluo. A possibilidade de descobrir novos mundos e horizontes a partir da exploração do nosso próprio planeta passou a fazer parte dos meus sonhos e projetos de vida desde que o li. Mas foi a partir do momento em que a Unicerj passou a ser parte da minha vida, que este sonho se tornou realidade e o que era projeto passou a ser vivência. Portanto, não foi à toa que a lembrança da obra de Júlio Verne foi a primeira coisa que me veio à mente quando me foi solicitado que escrevesse um texto sobre a excursão que fizemos à Pirenópolis, no Carnaval de 2006.

Explorar esta região, que não fica no “Centro da Terra”, mas no “Coração do Brasil”, teve para mim um gosto muito parecido com as sensações que me foram despertadas ao ler o livro. Na história de Júlio Verne, o jovem Axel e seu tio, o professor

Lidenbrock, guiados pelo caçador islandês - Hans, partem rumo ao centro da Terra. Em nossa expedição ao coração do Brasil, identificamos no papel de Axel - eu, Marina e Cesar; no papel do Professor Lidenbrock - François, Willy e Bonolo e no papel de Hans - o Guia local, Mauro Cruz. Em ambas as histórias, o restante foi só aventura...

Situado no coração do Brasil, o estado do Goiás foi fundado no começo do século XVIII por Bandeirantes que chegaram a suas terras em busca do precioso ouro que brotava ali. Distante do mar, mas detentor de valiosas fontes de águas salgadas e sulfurosas, o Estado guarda em suas cidades as marcas deixadas pela época em que a região prosperou devido à riqueza de suas minas, o ciclo do ouro do período colonial.¹

No centro do continente sul-americano, a milhares de quilômetros do litoral, podemos dividir este imenso território em duas partes: O Planalto e o Mato-Grosso-Goiano. O Planalto é uma região do tipo savana, com clima bem definido em duas estações, as chuvas e as secas, e conhecido pelos índios tupis e tapuias como “terras altas”. O Mato-grosso-goiano são as

“terras baixas”, composto por vãos e nascentes dos caudalosos rios Tocantins e Araguaia.

Esta conformação topográfica definiu bem a colonização nestas áreas antes do descobrimento do ouro. Os rios eram as vias de comunicação da época, portanto as incursões pelos rios Araguaia e Tocantins eram mais frequentes que as excursões por terra pelo Planalto. Pirenópolis está no limite destes dois relevos. Está ao pé da Serra dos Pireneus, nas margens e próximo as nascentes do Rio das Almas, tributário do Rio Tocantins. Por estar próximo às nascentes, portanto de difícil navegação, chegava-se sempre por terra, tanto os indígenas como os europeus². Assim chegamos nós.

Saímos sábado de Brasília com destino a Pirenópolis, que é uma linda cidade histórica que guarda as marcas deste ciclo do ouro. Conhecemos a cidade e pernoitamos no Mosteiro Zen Budista Horyu Zan Eisho-Ji. Este mosteiro se situa numa região privilegiada pela quantidade imensa de nascentes. Lá foi organizado um circuito de oito cachoeiras, cada uma delas dedicada a um dragão. Cada dragão significa um degrau na trajetória evolutiva, rumo à iluminação. Fizemos todo o circuito das Cachoeiras dos Dragões, nos banhando em cada uma delas.

A seguir partimos para a Cidade de Pedra, com acampamento no meio do caminho e uma noite digna do lábaro estrelado que nosso país ostenta. A cidade de pedra é um sítio geológico com formações muito estranhas. Às vezes as formas são familiares, como uma reprodução do Coliseu ou de um dinossauro. Outras são assustadoras, como monstros extraterrestres. Ali realmente, me transporte para várias cenas de Júlio Verne. Parecia que estávamos naquele mundo paralelo no centro da Terra. Pensei que a qualquer momento poderíamos encontrar um oceano ou a entrada de algum vulcão por onde poderíamos ser ejetados para outra parte do planeta.

Por outro lado, aprendi muito. A integração harmônica e a síntese entre os conhecimentos

técnicos, teóricos e práticos, de nossos Guias acrescidos com o conhecimento do Mauro, foram a realização de tudo que eu havia aprendido no CBM. Ou seja, pude aplicar conhecimentos adquiridos no curso, praticando o montanhismo em sua essência e me senti muito orgulhosa dos nossos Guias ao observar o respeito que desperteram nos outros guias locais que encontramos naqueles três dias (sábado a segunda-feira).

O Mauro Cruz, nosso “Hans”, nos conduziu durante todo o trajeto - grande companheiro! Profundo conhecedor da história, geografia, geologia e principalmente da vegetação típica do cerrado, nos proporcionou inesquecíveis aulas. Para mim o ponto alto da excursão foi obviamente, um cume... Inesquecível a vista do cume da Serra dos Pireneus. Neste dia (28 de fevereiro, terça-feira) percorremos 17 quilômetros, com direito a dois cumes (Pico dos Pireneus e Morro Cabeludo). O que não estava previsto foi um ataque de marimbondos que sofreremos no Morro Cabeludo. E aí, tenho que destacar a fibra do François que resistiu à dor das picadas dos insetos para socorrer Marina e Bonolo, que haviam sido atacados antes. Depois disto nos recuperamos com um banho refrescante no Poço do Sonrisal - e o nome deste poço diz tudo.

Ao final de tudo fica a mesma sensação de satisfação e de realização buscada por cada aventureiro desde o tempo das grandes descobertas - a mesma que impulsionou o jovem Axel, o Prof. Lidenbrock e Hans. Mas fica também a reflexão sobre a felicidade de poder viver em um país livre, rico de recursos naturais, e soberano sobre a utilização destes recursos. Cabe a nós zelar pela preservação destas riquezas e pela manutenção desta soberania.

Célia Caldas

¹ Fonte: http://www.braziltour.com/site/br/destinos_rotas/lista.php?id_estado=9®ioes=5&estados=0&idades=0

² Fonte: <http://www.pirenopolis.tur.br/>

escola técnica de guias excursionistas

Quando a Unicerj foi fundada, em abril de 1998, dispúnhamos de dez Guias entre os 14 sócios fundadores. Hoje, após cinco Escolas de Guia realizadas, somos 35 Guias credenciados a conduzir as atividades montanhistas do nosso Clube.

Em novembro de 2005, quando editamos o último Boletim, havia 31 Guias na Unicerj, além dos quatro Guias Estagiários – Osíris, François, Favre e Thiago – que estavam na fase final da ETGE/2005, iniciando a decisiva etapa que é o estágio supervisionado. Este foi realizado com todo o rigor necessário para uma formação plena, incorporando aos novos Guias conhecimentos técnicos, capacidade de decisão, ponderação, liderança e principalmente responsabilidade. Tudo isso sem esquecer os valores que nosso Clube defende, estabelecidos no ideário do MASENC.

Assim sendo, de outubro de 2005 até o início de abril de 2006 esses quatro alunos da Escola de Guias conduziram mais de 70 excursões abertas a sócios e convidados, sempre com a presença de Guias da Unicerj que supervisionaram todas as atividades realizadas.

Os Guias Estagiários tiveram que planejar, organizar e liderar todas as caminhadas, escaladas, descidas, acampamentos, regrampeações, bivaques, investidas em conquista e excursões ecológicas, cumprindo uma programação extensa e de elevada complexidade.

Tiveram também que fazer, cada um, uma palestra na sede do Clube, levar um Livro de Cume a uma montanha, aferir uma via de escalada ou descida, fazer um treinamento de resgate e realizar uma excursão inédita na Unicerj, fora outras exigências, que vale dizer, foram cumpridas com galhardia.

Como sempre acontece em todas as Escolas de Guia, o estágio supervisionado proporcionou um aprendizado autêntico, incluindo uma grande quantidade de excursões abertas aos sócios e

realizadas nas mais diversas condições meteorológicas, na época do ano menos apropriada para a prática do montanhismo, que é o verão. Esta é uma tradição que vem de longa data. Pode parecer contraproducente, mas tem uma justificativa insofismável: todo Guia que tiver conseguido cumprir as exigências do estágio supervisionado na estação chuvosa saberá dar valor ao planejamento adequado e respeitará a montanha no que ela tem de indomável mostrando o quanto é importante equilíbrio, humildade, trabalho em equipe e perseverança.

Todos sabem que nem sempre se consegue completar uma Travessia Petrópolis-Teresópolis, obrigando-nos a retornar ao ponto de partida. Quando isso acontece, dá muita vontade de tentar de novo, até conseguir. O mesmo vale para uma escalada ao Dedo de Deus, onde nem sempre vale a pena prosseguir, pois a prudência nos preserva das terríveis conseqüências de uma tempestade elétrica, tão comum nas tardes de verão. Mas a montanha não sai do lugar e pode-se voltar outro dia.

Deste modo, em abril de 2006, na festa do 8º aniversário da Unicerj, realizada em Miraflores, diplomamos os mais novos Guias do nosso Clube. Foi uma solenidade muito bonita com Hino Nacional e tudo (como em toda formatura que se preze) além de discursos emocionados, fotografias em profusão e muita alegria.

Os novos Guias da Unicerj são:

Thiago – Guia Caminhante
Favre – Guia Caminhante e Escalador
François – Guia Caminhante e Escalador
Osíris – Guia Caminhante e Escalador

Vale dizer que os novos Guias estão plenamente integrados ao Clube, participando ativamente no sentido de fazer a Unicerj brilhar no cenário montanhístico de nosso país.

etge/preservação do montanhismo

Já teve início a ETGE/2007

Ainda estamos em 2006, mas, desde o primeiro fim de semana de outubro, já teve início a ETGE/2007, que deverá prosseguir por 18 meses até o 10º aniversário da Unicerj, em abril de 2008, cumprindo, assim, uma programação extensa de atividades teóricas e práticas.

Esta é a 6ª Escola de Guias que o Clube organiza e oferece aos seus sócios desde a fundação. Em sucessivas reuniões do Corpo de Guias, estabelecemos oito vagas para a ETGE/2007. Sendo quatro vagas para candidatos a Guias Caminhantes e quatro para candidatos a Guias Caminhantes e Escaladores.

Como sempre acontece, o número de sócios interessados foi muito maior do que a nossa capacidade de oferecer um curso com a qualidade que uma Escola de Guias precisa ter.

Na Unicerj a Escola de Guias é um direito do sócio e, tal qual no CBM, não são cobradas quaisquer taxas.

Acontece que a formação de um Guia é um procedimento que leva mais tempo e envolve maiores responsabilidades, pois um Guia, uma vez formado, passa a representar o Clube, onde estiver, pois tem a prerrogativa de liderar as atividades promovidas pela Unicerj nas montanhas ou fora dela.

Só para se ter uma idéia, são oferecidos em geral dois CBMs por ano. No entanto, uma ETGE leva, em geral, um ano e meio do início até a conclusão. Vários são os que desistem por não conseguirem o tempo mínimo para as atividades que envolvem sucessivos fins de semana, que exigem entusiasmo a toda prova e por que não dizer abnegação.

Após várias palestras e reuniões, os inscritos foram avaliados e escolhidos os novos alunos levando-se em conta os objetivos da Unicerj. Vale registrar que alguns dos candidatos aceitos agora

em 2006 tinham pleiteado ingressar na ETGE anterior, mas não foi possível porque havia, na ocasião, outros sócios que demonstravam estar mais preparados a cursar a Escola de Guias com êxito. Toda escolha é difícil. Não há como imaginar que se possa ser completamente objetivo nos critérios de seleção de candidatos a uma Escola de Guias. Isso porque não lidamos com objetos e sim com pessoas. A objetividade diz respeito a objetos e não a seres humanos. De qualquer modo, é uma decisão que precisa ser tomada. Desse modo, em uma memorável Reunião de Guias ocorrida no dia 28 de setembro de 2006, foram escolhidos entre os 20 sócios interessados, os alunos da ETGE/2007, que são os seguintes sócios:

Candidatos a Guias Caminhantes:

– André Loeblein Kaercher
– Carlos Henrique Silva de Lima
– Nataniel Carvalho Luz (Natan)
– Wellington Koji Omura (Well)

Candidatos a Guias Caminhantes e Escaladores:

– Eduardo dos Santos Terra
– Gabriela Alejandra Huamán Piñó
– Marina de Andrade Iguatemy
– Rafael Augusto do Couto Albuquerque

Na Escola de Guias anterior a ETGE/2005, tivemos também oito alunos começando o curso e quatro não conseguiram se formar. Agora estamos em um novo começo e temos a oportunidade de tentar formar todos os oito alunos. Vai depender muito deles, pois o curso é puxado e requer dedicação a toda prova.

No que estiver ao nosso alcance, tudo faremos para que venham a se apropriar das técnicas, habilidades e todo o conhecimentos teórico, prático e de liderança para que possam vir a honrar o Corpo de Guias da Unicerj a partir de abril de 2008.

Santa Cruz

Escola Técnica de Guias Excursionistas

ETGE/2005 - Estágio Supervisionado

1. Par. Unidade Latino-Americana

Morro das Antas, Parque Estadual dos Três Picos
12ª Investida em Conquista
Estagiário: Françaçois
Supervisores: Leo, Rodrigo e Santa Cruz
08 de outubro de 2005 - 5 participantes

2. Par. Infravermelho/ Par. Arco-Iris

Morro da Urca, Rio de Janeiro
Escalada Fácil
Estagiário: Osiris Supervisor: Borges
08 de outubro de 2005 - 6 participantes

3. Par. Joana*

Morro da Boa Vista, Prainha
Escalada Fácil
Estagiário: Favre Supervisor: Buarque
09 de outubro de 2005 - 5 participantes

4. Campo Escola da Prainha*

Prainha, Rio de Janeiro
Treinamento
Estagiários: Françaçois e Osiris
Supervisor: Bonolo
09 de outubro de 2005 - 13 participantes

5. Par. Bendy/ Var. Willy Chen/ Des. Daniel Alvarenga

Dedo de Nossa Senhora, Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Escalada Difícil/ Descida Vertiginosa
Estagiário: Françaçois
Supervisores: Buarque e Santa Cruz
12 de outubro de 2005 - 5 participantes

6. Pedra da Gávea via Pico dos Quatro

Parque Nacional da Tijuca
Caminhada Semi-Pesada
Estagiário: Thiago Supervisores: Filipe e Willy
12 de outubro de 2005 - 16 participantes

7. Par. Coringa

Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Escalada Difícil
Estagiário: Osiris Supervisor: Godinho
12 de outubro de 2005 - 7 participantes

8. Tra. Petrópolis-Teresópolis*

Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Caminhada Pesada
Estagiários: Françaçois e Osiris
Supervisor: Bonolo
15 e 16 de outubro de 2005 - 10 participantes

9. Tra. Alto-Quitite, via Serra de São Francisco e Pico do Taunay

Parque Nacional da Tijuca
Caminhada Semi-Pesada
Estagiário: Thiago Supervisor: Willy
16 de outubro de 2005 - 6 participantes

10. XXVI Mutirão Voluntário do PNT*

Parque Nacional da Tijuca
Excursão Ecológica
Estagiários: Osiris e Thiago
Supervisores: Bonolo e Buarque
22 de outubro de 2005 - 10 participantes

11. Par. Tres Patetas

Morro da Urca, Rio de Janeiro
Escalada Fácil
Estagiário: Françaçois Supervisores: Bira e Porto
23 de outubro de 2005 - 5 participantes

12. Par. Branco

Morro da Urca, Rio de Janeiro
Escalada Fácil
Estagiário: Thiago Supervisor: Prado
23 de outubro de 2005 - 5 participantes

13. Par. Arco-íris

Morro da Urca, Rio de Janeiro
Escalada Fácil
Estagiário: Osiris Supervisor: Buarque
23 de outubro de 2005 - 4 participantes

14. Par. Azul

Morro da Urca, Rio de Janeiro
Escalada Fácil
Estagiário: Favre Supervisor: Leo
23 de outubro de 2005 - 4 participantes

15. Par. Augusto Ruschi

Morro da Urca, Rio de Janeiro
Escalada Fácil
Estagiários: Osiris e Thiago Supervisor: Buarque
29 de outubro de 2005 - 6 participantes

16. Par. íbis (até o 1º platô)

Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Escalada Difícil, com Bivaque
Estagiário: Favre
Supervisores: Buarque e Rodrigo
29 de outubro de 2005 - 8 participantes

17. Focinho do Cavalo

Parque Nacional da Tijuca
Caminhada Leve
Estagiários: Françaçois e Osiris
Supervisores: Bonolo, Carlos Alberto e Santa Cruz
02 de novembro de 2005 - 15 participantes

18. Pedra Bonita

Parque Nacional da Tijuca
Caminhada Leve
Excursão realizada após a ida ao Focinho de Cavalo
Estagiários: Françaçois e Osiris
Supervisores: Bonolo e Santa Cruz
02 de novembro de 2005 - 9 participantes

19. Cabeça de Peixe (parcial)

Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Caminhada Pesada
Estagiário: Thiago Supervisores: Cela e Filipe
02 de novembro de 2005 - 4 participantes

20. Par. Osvaldo Pereira

Alto Mourão, Itacoatiara
Escalada Difícil, com Aferição
Estagiário: Osiris Supervisor: Santa Cruz
05 de novembro de 2005 - 2 participantes

21. XXVII Mutirão Voluntário do PNT*

Parque Nacional da Tijuca
Excursão Ecológica
Estagiários: Françaçois e Thiago
Supervisor: Buarque
05 de novembro de 2005 - 19 participantes

22. Tra. da Neblina

Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Caminhada Semi-Pesada
Estagiário: Thiago
Supervisores: Buarque e Willy
06 de novembro de 2005 - 6 participantes

23. Campo Escola do Grajaú*

Parque Estadual do Grajaú
Treinamento
Estagiários: Favre, Françaçois e Osiris
Supervisores: Paulo, Porto e Rodrigo
06 de novembro de 2005 - 14 participantes

24. Par. Emil Mesquita

Morro do Telégrafo, Itacoatiara
Escalada Fácil
Estagiário: Osiris Supervisores: Borges e Porto
12 de novembro de 2005 - 3 participantes

25. Tra. Teresópolis-Petrópolis via Cubaio

Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Caminhada Pesada
Estagiário: Thiago
Supervisores: Cela, Filipe, Leo e Rodrigo
12 de novembro de 2005 - 7 participantes

26. Par. Lindaurea Pereira

Morro da Babilônia, Rio de Janeiro
Escalada Difícil
Com instalação de Livro de Cume
Estagiário: Françaçois Supervisor: Leandro
13 de novembro de 2005 - 3 participantes

- 27. Tijuca Mirim via Caveira**
Parque Nacional da Tijuca
Caminhada Leve
Estagiários: Osiris e Thiago
Supervisores: Buarque, Carlos Alberto,
Santa Cruz e Tarcísio
13 de novembro de 2005 - 15 participantes
- 28. Costão noturno**
Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Escalada Fácil
Estagiários: François e Osiris
Supervisor: Buarque
14 de novembro de 2005 - 9 participantes
- 29. Cha. Stop (parcial)**
Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Escalada Difícil
Estagiários: François e Osiris
Supervisores: Buarque e Porto
15 de novembro de 2005 - 6 participantes
- 30. Campo Escola Zumbi dos Palmares***
Morro da Urca, Rio de Janeiro
Treinamento
Estagiário: François Supervisor: Borges
19 de novembro de 2005 - 7 participantes
- 31. Par. Infravermelho***
Morro da Urca, Rio de Janeiro
Escalada Fácil
Estagiário: Osiris Supervisor: Cela
19 de novembro de 2005 - 5 participantes
- 32. Campo Escola Helmut Heske***
Itacoatiara, Niterói
Treinamento
Estagiários: François e Osiris
Supervisores: Bonolo, Porto, Rodrigo e Willy
27 de novembro de 2005 - 18 participantes
- 33. Pico da Tijuca**
Parque Nacional da Tijuca
Caminhada Leve
Estagiário: Thiago Supervisores: Bira e Celeste
04 de dezembro de 2005 - 21 participantes

- 34. Circuito Abraão-Dois Rios-Parnaióca**
Ilha Grande
Caminhada Pesada, com Bivaque
Estagiário: François
Supervisores: Filipe e Rodrigo
10 e 11 de dezembro de 2005 - 7 participantes
- 35. Par. Zorilda/ Par. Aida/
Des. Haroldo Poiarte**
Morro dos Três Irmãos, Jacarepaguá
Escaladas Fáceis/ Descida Vertiginosa
Estagiário: Osiris Supervisor: Buarque
10 de dezembro de 2005 - 4 participantes
- 36. Par. Doze de Fevereiro**
Perdido do Andaraí, Parque Estadual do Grajaú
Escalada Difícil
Estagiário: Favre
Supervisores: Bonolo, Godinho e Porto
10 de dezembro de 2005 - 9 participantes
- 37. Par. José Zaib**
Agulhinha da Gávea, Parque Nacional da Tijuca
Escalada Muito Difícil
Estagiário: François
Supervisores: Buarque e Rodrigo
17 de dezembro de 2005 - 5 participantes
- 38. XXVIII Mutirão Voluntário do PNT***
Horto, Parque Nacional da Tijuca
Excursão Ecológica
Estagiário: Thiago Supervisor: Godinho
17 de dezembro de 2005 - 5 participantes
- 39. Par. XV de Novembro**
Agulhinha da Gávea, Parque Nacional da Tijuca
Escalada Fácil
Estagiário: Thiago Supervisor: Godinho
18 de dezembro de 2005 - 4 participantes
- 40. Die. Infernal**
Morro da Babilônia, Rio de Janeiro
Escalada Difícil
Estagiário: Favre Supervisor: Bonolo
24 de dezembro de 2005 - 5 participantes

- 41. Par. CEPI**
Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Escalada Artificial
Estagiário: Osiris Supervisor: Godinho
24 de dezembro de 2005 - 5 participantes
- 42. Par. Lagartinho**
Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Regrampeação
Estagiário: Osiris Supervisor: Santa Cruz
28 de dezembro de 2005 - 2 participantes
- 43. Alto Mourão**
Itacoatiara, Niterói
Caminhada Leve
Estagiário: François
Supervisores: Buarque, Santa Cruz e Willy
07 de janeiro de 2006 - 14 participantes
- 44. Dedo de Deus, Face Leste/
Des. Montanhismo Amador**
Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Escalada Difícil/ Descida Vertiginosa
Estagiário: Favre
Supervisores: Borges e Santa Cruz
08 de janeiro de 2006 - 3 participantes
- 45. Tijuca Mirim, via Caveira**
Parque Nacional da Tijuca
Caminhada Leve
Estagiário: François Supervisores: Fabio e Willy
08 de janeiro de 2006 - 10 participantes
- 46. Cha. Stop**
Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Escalada Difícil
Estagiário: Favre
Supervisores: Godinho e Santa Cruz
14 de janeiro de 2006 - 6 participantes
- 47. Pedra da Gávea**
Parque Nacional da Tijuca
Caminhada Semi-Pesada
Estagiário: François
Supervisor: Willy
14 de janeiro de 2006 - 12 participantes

- 48. Pico do Frade de Angra**
Parque Nacional da Serra da Bocaina
Caminhada Pesada, com Bivaque
Estagiário: Thiago Supervisor: Cela
14 e 15 de janeiro de 2006 - 3 participantes
- 49. Morro do Tucum**
Itacoatiara, Niterói
Caminhada Leve, com Bivaque
Estagiário: Favre Supervisor: Buarque
20 e 21 de janeiro de 2006 - 12 participantes
- 50. Par. Mesmo com Sol**
Morro da Urca, Rio de Janeiro
Escalada Fácil
Estagiário: Thiago Supervisor: Santa Cruz
20 de janeiro de 2006 - 2 participantes
- 51. Par. íbis (até o 1o. platô)**
Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Escalada Difícil, com Bivaque
Estagiários: François e Osiris
Supervisor: Rodrigo
04 e 05 de fevereiro de 2006 - 5 participantes
- 52. Par. Luiz Arnaud/ Des. Vinhas da Ira**
Morro da Babilônia, Rio de Janeiro
Escalada Difícil
Estagiário: Favre Supervisor: Bira
04 de fevereiro de 2006 - 4 participantes
- 53. Par. Antonio Callado/ Par. Augusto Ruschi**
Morro da Urca, Rio de Janeiro
Escalada Muito Difícil/ Escalada Fácil
Estagiário: Osiris Supervisor: Leo
18 de fevereiro de 2006 - 4 participantes
- 54. Par. Mesmo com Sol/ Mutirão Ecológico**
Morro da Urca, Rio de Janeiro
Escalada Fácil/ Excursão Ecológica
Estagiário: Favre Supervisor: Fabio
18 de fevereiro de 2006 - 8 participantes

55. Dedo de Deus, Face Leste/ Des. Montanhismo Amador
Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Escalada Difícil/ Descida Vertiginosa
Estagiários: François e Osiris
Supervisores: Buarque e Santa Cruz
19 de fevereiro de 2006 - 5 participantes

56. Des. Milton Santos
Andaraí Maior, Parque Nacional da Tijuca
Descida Vertiginosa
Estagiário: Favre Supervisor: Leo
19 de fevereiro de 2006 - 5 participantes

57. Par. Caixa de Ressonância
Morro da Urca, Rio de Janeiro
Regrampeação
Estagiário: Favre Supervisor: Santa Cruz
03 de março de 2006 - 2 participantes

58. Costão noturno
Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Escalada Fácil
Estagiário: Thiago Supervisor: Porto
03 de março de 2006 - 4 participantes

59. Morro de Nogueira
Petrópolis
Caminhada Leve, com Bivaque
Estagiários: Osiris e Thiago Supervisor: Porto
04 e 05 de março de 2006 - 6 participantes

60. Fisiologia do Exercício Aplicada ao Montanhismo
Palestra na Sede do Clube
Estagiário: Favre
Supervisores: Bonolo e Godinho
08 de março de 2006 - 7 participantes

61. Par. Lindaurea Pereira/ Des. Vinhas da Ira
Morro da Babilônia, Rio de Janeiro
Escalada Difícil/ Descida Vertiginosa
Estagiário: Osiris
Supervisores: Cela e Santa Cruz
18 de março de 2006 - 5 participantes

62. Pico do Eco
Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Caminhada Pesada, com Bivaque e Instalação de Livro de Cume
Estagiários: François e Thiago
Supervisores: Buarque, Filipe e Leo
18 e 19 de março de 2006 - 12 participantes

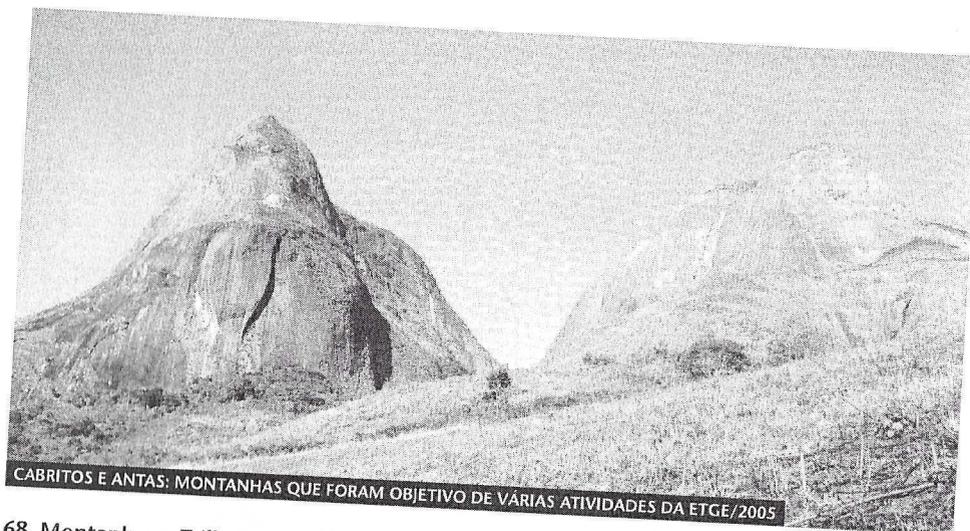
63. Tra. Teresópolis-Petrópolis
Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Caminhada Pesada
Estagiário: Favre
Supervisores: Bonolo, Rodrigo e Willy
18 e 19 de março de 2006 - 9 participantes

64. Par. Três Patetas
Morro da Urca, Rio de Janeiro
Regrampeação
Estagiário: Osiris
Supervisores: Lucia e Santa Cruz
22 de março de 2006 - 3 participantes

65. XXX Mutirão Voluntário do PNT
Parque Nacional da Tijuca
Excursão Ecológica
Estagiário: Thiago
Supervisores: Bonolo e Buarque
25 de março de 2006 - 9 participantes

66. Cha. Stop
Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Escalada Difícil
Estagiários: François e Osiris Supervisor: Cela
25 de março de 2006 - 5 participantes

67. Bico Maior
Vale dos Frades, Teresopolis
Caminhada Leve com Instalação de Livro de Cume
Estagiário: Osiris Supervisores: Filipe e Willy
26 de março de 2006 - 10 participantes



CABRITOS E ANTAS: MONTANHAS QUE FORAM OBJETIVO DE VÁRIAS ATIVIDADES DA ETGE/2005

68. Montanhas e Trilhas do Parque Nacional da Tijuca
Palestra na Sede do Clube
Estagiário: Thiago Supervisores: Buarque e Leo
29 de março de 2006 - 9 participantes

69. Descida da Cha. Stop
Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Aferição com Instalação de Livro de Cume
Estagiário: Favre Supervisor: Bonolo
01 de abril de 2006 - 3 participantes

70. Die. Infernal
Morro da Babilônia, Rio de Janeiro
Escalada Difícil
Estagiário: Osiris Supervisor: Filipe
01 de abril de 2006 - 4 participantes

71. Campo Escola Zumbi dos Palmares
Morro da Urca, Rio de Janeiro
Treinamento
Estagiários: Osiris e Thiago
Supervisores: Bonolo e Rodrigo
02 de abril de 2006 - 7 participantes

72. Par. Antonio Callado
Morro da Urca, Rio de Janeiro
Escalada Muito Difícil
Estagiário: Favre Supervisor: Cela
02 de abril de 2006 - 6 participantes

73. Par. Mesmo com Sol
Morro da Urca, Rio de Janeiro
Escalada Fácil com Aferição
Estagiário: Thiago Supervisor: Bonolo
02 de abril de 2006 - 3 participantes

74. Var. Sinfonia dos Grampos
Morro da Babilônia, Rio de Janeiro
Escalada Difícil com Aferição
Estagiário: François Supervisor: Willy
02 de abril de 2006 - 3 participantes

75. Probabilidade de Falha em Sistemas de Segurança
Palestra na Sede do Clube
Estagiário: Osiris Supervisor: Santa Cruz
04 de abril de 2006 - 15 participantes

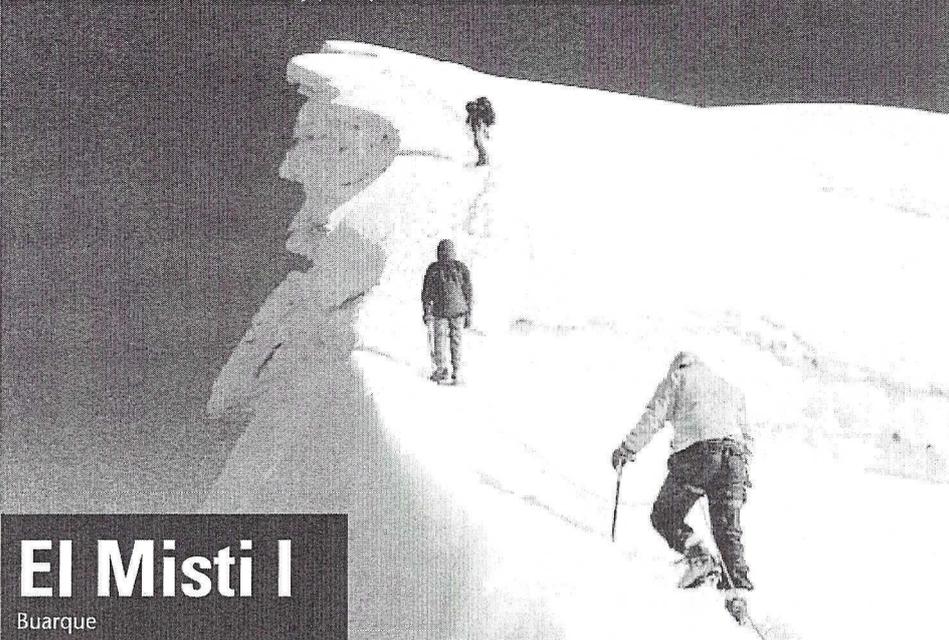
76. Biblioteca Daniel Alvarenga
Palestra na Sede do Clube
Estagiário: François Supervisor: Santa Cruz
05 de abril de 2006 - 10 participantes

* Excursões conjuntas com o CBM/2005-2

maSenc

*Escola de Guias:
divisor de águas em nossas vidas*

CHEGADA AO CUME DO VALLUNARAJU, PARQUE NACIONAL DE HUASCARÁN, PERU



El Misti I

Buarque

Em julho de 2004, Borges, Raquel, Godinho e eu viajamos ao Peru para conhecer um pouco de suas montanhas, cultura e história.

Na verdade, nós não fomos juntos para lá e nos encontraríamos apenas na metade da viagem, em Huaraz, a Meca dos montanhistas no Peru, cravada no meio da *Cordillera Blanca*. A Raquel, menos afeita a este tipo de programa preferiu pular essa parte e aguardar o Borges na casa de uma amiga em Lima, após terem conhecido Cusco e Machu Pichu (a Meca dos turistas no Peru).

No começo da viagem, acompanhado pela Raquel, o Borges freqüentou luxuosos hotéis e alguns restaurantes quentes de Cusco (um deles chegou mesmo a se incendiar...), enquanto Godinho e eu passeávamos de forma bem mais econômica, mas não menos atrativa, por Arequipa, para tentar subir o que seria nossa primeira alta montanha: o vulcão El Misti, com seus 5825 metros.

Arequipa, conhecida como "*la ciudad blanca*", fica a cerca de 1000 km (por estrada) ao sul de Lima e chega-se lá após 15 horas de viagem de ônibus através da costa desértica do Peru e suas paisagens lunares. A cidade em si é bem mais verde e simpática do que suas vizinhanças, sendo cortada pelo rio Chili. Marcada por um povo hospitaleiro e muito orgulhoso da terra onde vive, Arequipa é cercada por impressionantes nevados, entre eles o Pichu-Pichu (5664 m), Chachani (6075 m) e o onipresente Vulcão El Misti, nosso objetivo principal na viagem. A impressão que se tem é a de que o Misti fica mesmo dentro da cidade, como se no Rio ele ocupasse o lugar do nosso menos alto (porém mais verdejante) Pico da Tijuca. Por onde quer que você ande nessa cidade de casas baixas e estilo colonial, sente-se sempre o olhar da montanha lhe acompanhando. Por essa razão ele é considerado o *apu* ou *montanha tutelar* de Arequipa, além de ser também o principal cartão postal mais conhecido da cidade.

A subida ao Misti não é considerada técnica e nem das mais difíceis para uma montanha tão alta, sendo este um dos programas que muitos arequipenhos, montanhistas ou não, fazem questão de realizar pelo menos uma vez na vida. Isto nos animou a tentar essa ascensão logo no começo da viagem, pois tínhamos pouco tempo por conta de uma programação de viagem com muitas idas e vindas entre o norte e o sul do Peru (culpa do Borges, que só poderia nos encontrar em Huaraz no meio da viagem).

Outro fator que nos ajudou bastante a escolher esse objetivo foram as diversas dicas das arequipenhas Cley e Gabriela, além da orientação do Toño, irmão da Gabriela que ainda havia se oferecido para nos guiar ao cume. Planejamos passar dois dias em Arequipa, só para organizar as coisas antes da subida e ir nos acostumando com a altitude. Mas como a cidade fica a apenas 2600 m, descobrimos só mais tarde que esses dois dias não poderiam ser considerados uma aclimação decente...

Porém, a visão do grandioso Misti, cônico, vulcânico e branco, recortado contra o céu azul e "logo ali na esquina" é um chamado difícil de ignorar para quem passeia pelas ruas de Arequipa e se diz montanhista. Por isso estávamos muito



ALPACA, ANIMAL TÍPICO DA CORDILHEIRA DOS ANDES



EL MISTI VISTO DO CENTRO DE AREQUIPA, PERU

empolgados quando fomos preparar nossas coisas na véspera da subida que duraria dois dias envolvendo um pernoite a 4700m.

Acordamos de manhãzinha, como em qualquer excursão que fazemos por aqui, e pegamos o jipe que havíamos contratado na véspera para nos levar ao início da trilha e nos trazer de volta no dia seguinte. O primo do Toño, Álvaro, também nos acompanharia na subida. A manhã estava bem fria, mas o dia prometia ser bem ensolarado, o que é regra em Arequipa onde as chuvas são raras. Mochila nas costas e toca para cima, cruzando uma vegetação composta principalmente por pequenos arbustos secos e moitas de *ichu*, um capim resistente que domina as regiões andinas e espeta os incautos. Conforme se vai subindo, mesmo esses arbustos vão se tornando cada vez mais raros, junto com o oxigênio. E para "ajudar" os infelizes mal aclimatados, o solo na subida passa a ser totalmente constituído por fofas cinzas vulcânicas com alguns blocos de pedra aqui e ali onde você procura pisar para não afundar muito.

A essa altura, eu estava sendo formalmente apresentado ao *soroche* - o mal da altitude - que começava a me pesar bem mais que a mochila. Assim, a minha subida foi sendo feita com cada vez mais numerosas e demoradas paradas para

tentar recuperar o fôlego. Um pouco antes do ponto onde iríamos acampar, eu já havia me conformado em estabelecer modestíssimas metas de uns 10 metros entre uma parada e outra, e, para meu desespero, mesmo essas metas estavam difíceis de serem cumpridas. Mas acabei chegando onde o resto do grupo me aguardava para armar o acampamento. O lugar era um platô na encosta de cinzas, onde já havia alguns nichos de pedras estrategicamente empilhadas para proteger as barracas do vento. Nesse local o gelo estava presente nos pontos onde o sol batia por menos tempo.

Preparamos o jantar ainda com a luz do dia, pois acordaríamos por volta de uma da manhã para atacar o cume. Como meu estômago, acostumado apenas com a boa vida ao nível do mar, manifestava violentamente sua revolta comigo e com a idéia de passar de 3000 metros fora de um avião, não consegui comer nada do macarrão que, por isso, talvez não estivesse tão ruim quanto eu me lembro hoje. Fomos dormir logo após tomar um pouco de mate de coca, mas a essa altura o estômago já havia conseguido incitar sua revolta também aos órgãos vizinhos, impossibilitando muito o sono e me obrigando a sair da barraca para tentar tornar um pouco mais fértil aquela árida encosta. De madrugada, na hora de levantar, eu já estava totalmente convencido a ficar por ali mesmo, “tomando conta das barracas”, uma nobre e necessária função naquele deserto. Acompanhei a saída do pessoal e voltei para dentro da barraca onde havia então mais espaço para agonizar, rolando de um lado para o outro de forma mais confortável.

De manhã, ao acordar, me arrisquei a comer pelo menos uma balinha para não ficar em jejum absoluto. Mas não adiantou, porque logo em seguida tive que chamar o Juan (o “Raul” dos Andes) e lá se foi a balinha embora. Depois disso, comeci aos poucos a me sentir melhor e

pude então aproveitar mais o lugar e tirar umas fotos enquanto esperava a volta do pessoal. Passadas algumas horas, apareceu sozinho o Toño, dizendo que descera na frente dos outros para adiantar a arrumação para nossa partida. Ele avisou que o Godinho havia conseguido chegar ao cume, mas estava acabado e descia bem devagar acompanhado pelo Álvaro. Desarmamos as barracas e ficamos esperando ansiosos por algumas horas, tentando contato pelos radinhos *talk-about*, até que finalmente apareceu o Álvaro seguido ao longe pelo Godinho que descia aos tropeços, mais pra lá do que pra cá. O Álvaro chegava em melhores condições, mas havia desistido da subida um pouco antes do cume.

O Godinho, catatônito, se esforçou para comer alguns pêssegos em calda, se reidratar e só depois de um longo descanso recomeçamos a descida bem devagar, acompanhando seus passos cambaleantes. Eu, por outro lado, já me sentia bem melhor, quase feliz, e tentava ajudar onde era possível para manter meu amigo no prumo. Mesmo assim, só chegamos ao fim da trilha quando a noite já estava avançada. Alcançamos o jipe que nos aguardava e voltamos para desmaiar em nossas camas. Ainda consegui tomar um banho para retirar a poeira, mas o Godinho mal tirou as botas cheias de areia antes de apagar.

Passamos mais um dia conhecendo Arequipa e descobrimos que, na noite em que estivéramos no Misti, tinha havido um tremor de terra, o que é bem comum por lá. No dia seguinte já estávamos partindo com destino à segunda parte da nossa viagem em Huaraz. Lá encontraríamos o nosso companheiro Borges para outras belíssimas excursões que me consolariam pelo fato de não ter conseguido colocar os pés no cume do Misti.

Mas minha história com esse vulcão ainda não havia terminado e eu voltaria a encontrá-lo mais uma vez nessa mesma viagem...

curso básico de montanhismo/2006

Fui aluno do mais recente Curso Básico de Montanhismo (CBM), realizado de abril a setembro de 2006. O CBM foi um dos mais gratificantes cursos que fiz até hoje, não por se tratar apenas de uma atividade lúdica, mas por ter me proporcionado a oportunidade de conhecer pessoas de inestimável valor humano e compartilhar momentos únicos, sublimes, e ao mesmo tempo, aprender.

Os cursos oferecidos pela Unicerj são todos gratuitos – são prerrogativas dos sócios. Como em todas as edições anteriores, contamos com uma ampla participação dos Guias do Clube e nesse ano, 22 Guias se alternaram, ministrando as aulas teóricas e práticas. Temas fundamentais para a prática segura e responsável do montanhismo foram abordados nas aulas teóricas: equipamentos básicos; recomendações para antes, durante e após as excursões; técnicas de subida e descida; técnicas de escalada artificial; uso de prusik; manejo de cordas; nós; primeiros socorros e procedimentos de segurança em escaladas.

Estes temas também foram abordados nas aulas práticas, principalmente nos campos-escola. Nas excursões dos fins de semana podíamos então, utilizar nossos conhecimentos recém adquiridos, com a atenta supervisão de nossos Guias. Para se completar o curso foi necessário o cumprimento de um programa que incluía além das aulas teóricas e campos-escola, caminhadas leves e semi-pesadas, manutenção e limpeza de trilhas (mutirões ecológicos), escaladas fáceis e finalmente a badalada Travessia Petrópolis-Teresópolis. Nesta última atividade do curso pudemos avaliar o quanto aprendemos, pois trata-se de uma caminhada de dois dias, com bivaque, carregando uma mochila cargueira.

Já praticava caminhadas há vários anos, no entanto, não tinha conhecimento de tantos detalhes importantes. Fiquei surpreso com as portas

que se abriram diante de tanta informação. Por exemplo, eu nunca havia pensado em escalar, mas como o Curso aborda a segurança na prática do montanhismo de forma tão responsável, compreendi ser possível escalar com o mínimo de riscos. Basta ser persistente e seguir corretamente às orientações dos Guias, aplicando com tranquilidade as técnicas, respeitando os valores básicos de um montanhismo amador, solidário, ecológico e não competitivo.

Entendi que a paixão pela montanha pode ser fulminante como um relâmpago ou pode ser desenvolvido com o tempo. No entanto, o tempo muitas vezes escorre entre os dedos. Quando nos damos conta disto, nos sentimos pequenos diante da inexorável verdade de que um dia partiremos. Mas enquanto esse dia não chega, podemos aprender muito com a montanha – desacelerando e redescobrimo ou despertando para a possibilidade de um novo amanhã, mais harmônico e comprometido com o meio ambiente, com o homem interagindo com a natureza numa perfeita simbiose.

Aprendi que o montanhismo não é um esporte, mas uma prática de vida. União, companheirismo, solidariedade, confiança, persistência, entusiasmo, lealdade, enfim, tantas qualidades e valores que unem e confluem pessoas num objetivo comum: contemplar e ativamente proteger a natureza para viver a dádiva que é a vida em toda a sua plenitude.

Ao final pudemos enfim participar da tradicional festa de formatura do CBM, realizada em 3 de setembro em Miraflores. Foi um acontecimento de verdadeiro júbilo e celebração. Os 12 formandos, juntamente com os Guias, outros sócios e convidados, fomos efusivamente recebidos pelo casal Santa Cruz e Lucia. A programação incluiu três maravilhosos filmes clássicos: “Em Busca do

Ouro" (Charles Chaplin), "Clube da Lua" (José Campanella) e "O Incrível Exército de Brancaleone" (Mario Monicelli). Este último filme, ao final, foi assistido por um público constituído pelo Bonolo e por mim, que resistimos bravamente, embora ninguém soubesse se estava realmente acordado até o fim, já alta madrugada.

No dia seguinte tivemos um churrasco preparado pelo François e cerveja gelada para brindar nossa grande conquista. Nosso contentamento era tamanho que voltamos à infância, brincando de pique bandeira e outros jogos de bola. Por fim, assistimos aos entusiasmados discursos do Presidente Santa Cruz, do Diretor Técnico Leo e dos Guias presentes. A seguir, os formandos receberam seus certificados e agradeceram com muita emoção. Foi particularmente tocante o discurso do formando Natan, expressando sua gratidão a todos, principalmente aos abnegados Guias da Unicerj.

Well Omura

Atividades do Primeiro CBM de 2006

1) Aula Inaugural

Sede do Clube
Aula Teórica
Guias: Buarque, Santa Cruz, François, Osiris, Lucia, Carlos Alberto, Willy e Tarcisio
19 de abril de 2006 - 20 participantes

2) Castelos da Taquara via Cova da Onça

Parque Nacional da Tijuca
Caminhada Leve
Guias: Buarque, Osiris, Carlos Alberto, Luis, Santa Cruz e François
22 de abril de 2006 - 21 participantes

3) XXXI Mutirão Voluntário do PNT

Parque Nacional da Tijuca
Excursão Ecológica
Guias: François e Thiago
29 de abril de 2006 - 13 participantes

4) Equipamentos

Sede do Clube
Aula Teórica
Guias: Bonolo, Santa Cruz, François e Osiris
03 de maio de 2006 - 20 participantes

5) Pedra da Cruz

Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Caminhada Semi-Pesada
Guias: Buarque, Fabio, Osiris e Cela
13 de maio de 2006 - 11 participantes

6) Técnicas de Segurança

Sede do Clube
Aula Teórica
Guias: Leo, Buarque, Santa Cruz e François
17 de maio de 2006 - 24 participantes

7) Campo Escola Zumbi dos Palmares

Morro da Urca
Treinamento
Guias: François, Osiris, Willy, Porto e Rodrigo
21 de maio de 2006 - 22 participantes

8) Técnicas de Caminhada e Acampamento

Sede do Clube
Aula Teórica
Guias: Willy, Tarcisio, Santa Cruz, François, Buarque, Osiris, Lucia e Zaib
24 de maio de 2006 - 24 participantes

9) Alto Mourão

Itacoatiara
Caminhada Leve
Guias: Buarque, Santa Cruz, Celeste, Porto e Osiris
28 de maio de 2006 - 13 participantes

10) XXXII Mutirão Voluntário do PNT

Parque Nacional da Tijuca
Mutirão
Guia: François
28 de maio de 2006 - 11 participantes

11) Primeiros Socorros

Sede do Clube
Aula Teórica
Guias: Cley, Buarque, François, Santa Cruz e Favre
31 de maio de 2006 - 19 participantes

12) Campo Escola Helmut Heske

Itacoatiara
Treinamento
Guias: Willy, Fabio, Porto, Carlos Alberto e Osiris
04 de junho de 2006 - 23 participantes

13) Técnicas de Escalada

Sede do Clube
Aula Teórica
Guia: Borges
07 de junho de 2006 - 22 participantes

14) Par. Coloridos

Morro da Urca
Escalada Fácil
Guias: Cela, Favre, Leo e Godinho
10 de junho de 2006 - 8 participantes

15) Tra. Petrópolis-Teresópolis

Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Caminhada Pesada
Guias: Bonolo, Fabio, Thiago e Santa Cruz
10 e 11 de junho de 2006 - 15 participantes

16) Par. Coloridos

Morro da Urca
Escalada Fácil
Guias: François, Buarque, Osiris e Filipe
11 de junho de 2006 - 12 participantes

17) Pico da Tijuca e Tijuca Mirim

Parque Nacional da Tijuca
Caminhada Leve
Guia: Osiris
17 de junho de 2006 - 8 participantes

18) Pedra Bonita e Agulhinha da Gávea

Parque Nacional da Tijuca
Caminhada Leve
Guia: Osiris
18 de junho de 2006 - 7 participantes

19) Técnicas de Descida

Sede do Clube
Aula Teórica
Guias: Santa Cruz, Bonolo e Tarcisio
21 de junho de 2006 - 16 participantes

20) Pedra da Gávea

Parque Nacional da Tijuca
Caminhada Semi-Pesada
Guias: Fabio, Buarque e Bonolo
25 de junho de 2006 - 20 participantes

21) Cordas e Nós

Sede do Clube
Aula Teórica
Guia: Buarque
28 de junho de 2006 - 16 participantes

22) Face Norte

Morro da Urca
Escalada Fácil
Guias: Bonolo, Cela, Buarque e Fabio
01 de julho de 2006 - 14 participantes

23) Pedra do Conde, Anhangüera e Mirante do Excelsior

Parque Nacional da Tijuca
Caminhada Leve
Guia: François
01 de julho de 2006 - 8 participantes

24) Face Norte

Morro da Urca
Escalada Fácil
Guias: Rodrigo e François
02 de julho de 2006 - 7 participantes

25) Serrilha do Papagaio

Parque Nacional da Tijuca
Caminhada Semi-Pesada
Guia: Bonolo
08 de julho de 2006 - 13 participantes

26) Campo Escola Grajaú

Parque Estadual do Grajaú
Treinamento
Guias: François, Bonolo e Osiris
09 de julho de 2006 - 15 participantes

27) Manutenção de Vias

Sede do Clube
Aula Teórica
Guia: Santa Cruz
12 de julho de 2006 - 29 participantes

28) Campo Escola Grajaú

Parque Estadual do Grajaú
Treinamento
Guias: Porto e Luís
15 de julho de 2006 - 13 participantes

29) Par. Jorge de Castro

Agulhinha da Gávea, PNT
Escalada Fácil
Guias: Osiris, François e Santa Cruz
15 de julho de 2006 - 7 participantes

30) XXXIII Mutirão Voluntário do PNT

Parque Nacional da Tijuca
Excursão Ecológica
Guia: Thiago
16 de julho de 2006 - 4 participantes

31) Sistema Nacional de Unidades de Conservação

Sede do Clube
Palestra
Palestrante: André Amador
19 de julho de 2006 - 12 participantes

32) Agulhinha da Gávea

Parque Nacional da Tijuca
Escalada Fácil
Guias: Osiris, Bonolo e Buarque
22 de julho de 2006 - 10 participantes

33) Tra. Petrópolis-Teresópolis

Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Caminhada Pesada
Guias: Willy, Filipe, Cassio e Paulo
22 e 23 de julho de 2006 - 20 participantes

34) Agulhinha da Gávea

Parque Nacional da Tijuca
Escaladas variadas
Guias: Thiago, Bonolo, Osiris, Porto, François e
23 de julho de 2006 - 12 participantes

35) Campo Escola Grajaú

Parque Estadual do Grajaú
Treinamento
Guias: François e Fabio
06 de agosto de 2006 - 5 participantes

36) Par. Coloridos

Morro da Urca
Escalada Fácil
Guias: François, Osiris, Santa Cruz e Hugo
19 de agosto de 2006 - 11 participantes

37) XXXIV Mutirão Voluntário do PNT

Parque Nacional da Tijuca
Excursão Ecológica
Guia: François
20 de agosto de 2006 - 12 participantes

38) Face Norte

Morro da Urca
Treinamento
Guias: Osiris, Bonolo e Hugo
26 de agosto de 2006 - 7 participantes

39) Par. Vermelho

Morro da Urca
Escalada Fácil
Guias: Buarque e Rodrigo
27 de agosto de 2006 - 5 participantes

40) Campo Escola Grajaú

Parque Estadual do Grajaú
Treinamento
Guias: François, Bonolo e Osiris
02 de setembro de 2006 - 13 participantes

Formandos:

– André Kaercher – Glauco Campos
– Anete Gama – Lídia Campos
– Ângela Domingues – Luciane Alcoforado
– Bernardo Andrade – Natan Carvalho
– Carlos Henrique Lima – Well Omura
– Fausto Simões

Em 25 de novembro de 2006 teve início o segundo CBM de 2006 com previsão de conclusão no 9º aniversário da Unicerj em abril de 2007.



CAROLINE NO DEDO DE NOSSA SENHORA, PNSO

Urbanóides na montanha

Caroline Gregory

Costumo dizer que se o mundo funcionasse como a Unicerj grande parte de seus problemas acabariam. Imagine um bar aberto. Ao lado da geladeira, a caixinha de dinheiro e os preços de cada item. Não há ninguém para cobrar. Cada um deposita o valor de seu consumo. Imagine um clube de excursões no qual os Guias dedicam seus fins de semana, férias e feriados ao Clube por puro amor à montanha. Imagine um Clube que oferece o Curso Básico de Montanhismo e a Escola Técnica de Guias Excursionistas como direito de todo e qualquer um de seus membros sem acréscimo na mensalidade. Imagine uma mensalidade de R\$20,00 oferecendo todas as excursões organizadas, cursos, aulas teóricas e técnicas, equipamentos emprestados e reuniões sociais. Assim funciona a Unicerj. E funciona muito bem, diga-se de passagem, pois desde sua fundação o número de sócios cresce a cada semana. E a caixinha de dinheiro no bar está sempre cheia.

O estilo urbano de vida não permite que ajamos pura e simplesmente através da ética, mas, por

uma suposta obrigação e pela freqüente ameaça dos juros, taxas e multas. É compreensível que em tal contexto o espírito se apague e a subjetividade se esconda gradativamente. O trabalho perde o prazer da produção e ganha o espaço de necessidade burocrática e financeira. Aos poucos, perdemos nossas individualidades e nos tornamos mais um entre bilhões.

A Unicerj surge como uma luz à apatia, um brilho na escuridão provando que podemos, sim, viver em harmonia com nosso espírito e corpo, trabalho e lazer, riscos e preguiça. As lições do montanhismo se aplicam nas mais diversas áreas da minha vida e na daqueles que se tornaram vítimas indefectíveis da filosofia MASENC (Montanhismo Amador Solidário Ecológico e Não Competitivo).

Guias e diretores trabalham com o objetivo de democratizar o montanhismo, acreditando que é um direito de todo cidadão aprender e praticar o esporte, além de ser um direito de todos conviver com a natureza. Os Guias e Diretores pagam a mesma mensalidade que os demais sócios e não recebem nenhum retorno financeiro pelas excursões e aulas que promovem.

No montanhismo, o companheirismo e a solidariedade são imprescindíveis. Na escalada, por exemplo, é preciso haver total confiança no outro, pois, enquanto você escala o parceiro fornece sua segurança e vice versa. Se você cair, são as mãos dele que te salvam.

O montanhismo, em sua natureza, é solidário, sendo primordial a troca com o outro para co-existir. Essa troca, no entanto, é trabalhada dia após dia, montanha após montanha. É fundamental aprender a ouvir as necessidades do outro, entender seus limites, respeitar suas dificuldades e estar sempre com um olho em

você e o outro no seu companheiro.

Não obstante, a Unicerj funciona intrinsecamente ligada à preservação do Meio Ambiente. É conduta de todos os membros não sujar os parques freqüentados, além de causar o menor impacto possível à vegetação local e acampar em locais apropriados. Mantemos nossas conquistas sempre em condições de uso adequadas para a maior segurança de todos os cidadãos que por ali desejem passar.

O montanhismo é uma atividade que envolve riscos. Tais riscos podem ser minimizados pela rigorosa atenção aos procedimentos de segurança. Por outro lado, tensão física e/ou tensão psicológica são freqüentes. É por isso que a união, o companheirismo e a solidariedade são valores necessários à esta prática. Qualquer distinção social, cultural ou étnica é essencialmente incompatível com o montanhismo.

Enquanto no mundo urbanizado respeito é sinônimo de hierarquia, na montanha aprendemos a respeitar pela experiência. Na pedra ou no verde, advogados e garis riem da mesma piada e desfrutam do mesmo lazer. As lições, as repreensões e as técnicas são passadas respeitando as limitações. Todos sentem seu progresso sem pressa de bater recordes, sem o ímpeto de ser o primeiro, mas, com a vontade de ser o melhor que puder. É nos passado a possibilidade de construirmos um mundo melhor, menos capitalista, mais justo, menos hipócrita, mais voltado para o homem e seus valores, menos competitivo e mais ativo.

A prática desses valores na montanha nos torna seres humanos mais preparados para enfrentar a metrópole, as contas, as cobranças, o trânsito e conviver com o outro. Resgatamos nossas individualidades. Se a Unicerj ainda não mudou o mundo, certamente já mudou sua aldeia.

O PORQUÊ DE NÃO DESISTIR

Se eu só escutasse e lesse notícias como:

- CPIs do desvio de verbas para compras de ambulâncias e do mensalão têm Senadores e Deputados envolvidos ABSOLVIDOS pelo respectivos Conselhos de Ética;

- O Voto Secreto, após as eleições deixou de ser PRIORIDADE no Congresso Nacional, na mídia e na boca do povo;

- O Prefeito César Maia a partir de Janeiro de 2007 PROIBE a utilização de salas de aula das Escolas Municipais para que Professores Voluntários ministrem aulas para que alunos carentes ingressem nas Universidades Públicas.

Ainda bem que não utilizo meu tempo só para essas notícias.

Ainda bem que acredito e convivo com pessoas que, como eu, sonham e têm esperança de que possamos viver em um País melhor, com direitos iguais, justiça social, dignidade e ética.

Ainda bem que passei os meus últimos dez anos convivendo com professores e com alunos do PVNC (PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES) do Canal do Anil e Rio das Pedras, em Jacarepaguá.

Ainda bem que vi o brilho dos olhos desses alunos, sua luta pela superação das adversidades impostas em suas vidas por sua cor ou sua condição social de carente.

Ainda bem que passei os meus últimos cinco anos no convívio da Unicerj em excursões com pessoas determinadas também em criar um País melhor, com solidariedade, com ética, respeitando o próximo e a natureza.

Por isso nunca pensei em desistir.

Vou continuar a lutar, nem que tenha que improvisar sala, para dar aula para esses jovens, senhores e senhoras que vem ao nosso curso pré-vestibular comunitário em busca de um sonho, de uma vida mais digna.

Vamos nos unir. Unidos faremos diferença e iremos conquistar os espaços que são nossos de direito como cidadãos.

Carlos Alberto

Atividades da primeira fase da ETGE/2007

ATIVIDADES REALIZADAS

Torre Central de Bonsucesso

Abertura do Curso

Parque Estadual dos Três Picos
Caminhada Semi-Pesada e Simulação de Resgate

Guias: Buarque, Santa Cruz, Leo, Françaiois e Osiris
7 de outubro de 2006 - 12 Participantes

Par. Unidade Latino-Americana

Morro das Antas
Parque Estadual dos Três Picos
Regrampeação

Guias: Buarque, Santa Cruz, Leo, Françaiois e Osiris
8 de outubro de 2006 - 12 Participantes

Costão

Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Escalada Fácil

Guias: Françaiois, Borges, Osiris, Santa Cruz e Leo
15 de novembro de 2006 - 12 Participantes

Par. Bolha D'água

Bico do Papagaio, Parque Nacional da Tijuca
Escalada Difícil

Guias: Leo, Buarque e Santa Cruz

09 de dezembro de 2006 - 6 Participantes

Par. Unidade Latino-Americana

Morro das Antas
Parque Estadual dos Três Picos
Regrampeação

Guias: Santa Cruz e Osiris
10 de dezembro de 2006 - 4 Participantes

Par. CEPI

Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Escalada Artificial

Guias: Santa Cruz e Godinho
16 de dezembro de 2006 - 5 Participantes

ATIVIDADES PROGRAMADAS

23 de dezembro de 2006

Cha. Stop
Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Escalada Difícil
Guias: Bonolo e Rodrigo

24 de dezembro de 2006

Cha. Stop
Pão de Açúcar, Rio de Janeiro
Escalada Difícil
Guias: Buarque e Leo

6 de janeiro de 2007

Dedo de Deus
Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Escalada Difícil
Guias: Santa Cruz e Rodrigo

7 de janeiro de 2007

Dedo de Deus
Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Escalada Difícil
Guias: Borges e Bonolo

11 de fevereiro de 2007

Par. Luis Fernando Veríssimo
Bico Menor, Parque Estadual dos Três Picos
Regrampeação
Guias: Santa Cruz e Françaiois

Par. Henfil

Parque Estadual dos Três Picos
Regrampeação
Guias: Buarque e Rodrigo

17 e 18 de março de 2007

Tra. Petrópolis - Teresópolis
Parque Nacional da Serra dos Órgãos
Caminhada Pesada, com Bivaque
Guias: Leo e Bonolo

Excursões destinadas aos alunos da Escola de Guias da Unicerj:

(c)-Guia Caminhante

(e)-Guia Caminhante e Escalador

14 e 15 de abril

(c) – Travessia da Bocaina

Parque Nacional da Serra da Bocaina

Caminhada Pesada, com Bivaque

Guias: Tarcisio e Willy

**(e) – Cha. Edilso Debarba/
Des. Oscar Niemeyer**

Pico do Itabira, Cachoeiro do Itapemirim, ES

Escalada Muito Difícil/Descida Vertiginosa

Guias: Borges e Santa Cruz

28 e 29 de Abril

(c) – Pico Médio de Friburgo

Parque Estadual dos Três Picos

Caminhada Pesada, com Bivaque

Guias: Buarque e Osiris

(e) – Des. Leonardo Perrone

Pico Médio de Friburgo,

Parque Estadual dos Três Picos

Descida Muito Inclinada, com Bivaque

Guias: Leo e Santa Cruz

12 e 13 de Maio

(c) – Garrafão

Parque Nacional da Serra dos Órgãos

Caminhada Pesada, com Bivaque

Guias: Cela e Osiris

(e) – Agulha do Diabo

Parque Nacional da Serra dos Órgãos

Escalada Difícil, com Bivaque

Guias: Christian e Santa Cruz

26 e 27 de Maio

**(c) e (e) – Travessia Longitudinal
das Agulhas Negras***

Parque Nacional do Itatiaia

Caminhada Pesada, com Bivaque

Guias: Santa Cruz e Leo

* Será solicitada autorização à Administração do Parque Nacional do Itatiaia

02 de junho

(c) – Morro dos Cabritos

Parque Estadual dos Três Picos

Caminhada Pesada

Guias: Lucia e Santa Cruz

**(e) – Par. Mário Arnaud/
Des. Alubrimento**

Morro dos Cabritos,

Parque Estadual dos Três Picos

Escalada Muito Difícil/Descida Muito Inclinada

Guias: Bonolo e Leo

16 de Junho

(c) – Maria Comprida

Araras, Petrópolis, RJ

Caminhada Pesada

Guias: Filipe e Celeste

(e) – Par. Che Guevara

Pedra da Amizade, Petrópolis, RJ

Escalada Muito Difícil

Guias: Leo e Santa Cruz

30 de Junho

(c) – Três Marias*

Parque Nacional da Serra dos Órgãos

Caminhada Pesada

Guias: Thiago e Filipe

* Será solicitada autorização à Administração do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

**(e) – Verruga do Frade/
Des. Rosa dos Ventos**

Parque Nacional da Serra dos Órgãos

Escalada Muito Difícil/Descida Vertiginosa

Guias: Porto e Rodrigo

14 e 15 de Julho

**(c) – Traessia da Neblina e
Caminho das Maravilhas**

Parque Nacional da Serra dos Órgãos

Caminhada Pesada, com Bivaque

Guias: François e Fabio

**(e) – Cha. UNICERJ/
Des. Filipe Alvarenga**

Morro das Andorinhas, Atílio Vivaqua, ES

Escalada Muito Difícil/Descida Vertiginosa

Guias: Santa Cruz e Leo

28 de Julho

(c) – Cabeça de Peixe

Parque Nacional da Serra dos Órgãos

Caminhada Pesada

Guias: Bonolo e Bira

(e) – Par. Osvaldo Pereira

Alto Mourão

Parque Estadual da Serra da Tiririca

Escalada Difícil

Guias: Borges e Favre

11 e 12 de Agosto

(c) – Morro das Antas

Parque Estadual dos Três Picos

Caminhada Pesada, com Bivaque

Guias: François e Godinho

(e) – Par. Unidade Latino-Americana

Morro das Antas, Parque Estadual dos Três Picos

Escalada Muito Difícil, com Bivaque

Guias: Leo e Bonolo

25 e 26 de Agosto

**(c) – Par. Rodolfo Chermont/
Des. Ernesto Sabato**

Capacete, Parque Estadual dos Três Picos

Escalada Difícil/Descida Muito Inclinada

Guias: Buarque e Willy

(e) – Via Silvio Mendes

Pico Maior de Friburgo,

Parque Estadual dos Três Picos

Escalada Muito Difícil

Guias: Bonolo e Santa Cruz

7, 8 e 9 de Setembro

(c) – Pico da Bandeira

Parque Nacional do Caparaó

Caminhada Semi-Pesada, com Bivaque

Guias: Tarcisio e Osiris

(e) – Via Graciliano Ramos

Frade e Freira, Cachoeiro do Itapemirim, ES

Escalada Muito Difícil, com Bivaque

Guias: Buarque e Santa Cruz

21 e 22 de Setembro

**(c) – Prateleiras, Agulhas Negras
e Campo Escola Fernando Pessoa**

Parque Nacional do Itatiaia

Escaladas Variadas, com Acantonamento

Guias: Willy e François

**(e) – Fis. Sylvia Chen, Cha. Idalício
e Fis. Aleksandra Krijevitch***

Prateleiras e Asa de Hermes,

Parque Nacional do Itatiaia

Escaladas Difíceis, com Acantonamento

Guias: Bonolo e Zaib

* Será solicitado pernoite no Abrigo Rebouças à Administração do Parque Nacional do Itatiaia

NOVAS CONQUISTAS

1) Par. Zorilda

Morro Três Irmãos, Jacarepaguá, Rio de Janeiro
Escalada Fácil

3 Investidas, conquista: 26 de outubro de 2002
Conquistadores: Rogério de Oliveira e Márcia Verônica Gomes dos Reis.

Em homenagem a Zorilda Borges de Assis, mãe de Márcia Verônica.

2) Par. Aída

Morro Três Irmãos, Jacarepaguá, Rio de Janeiro
Escalada Fácil

2 Investidas, conquista: 30 de novembro de 2002
Conquistadores: Rogério de Oliveira, Márcia Verônica Gomes dos Reis e Eduardo Bitencourt
Em homenagem a Aída de Oliveira, mãe de Rogério.

3) Des. Haroldo Poyart

Morro Três Irmãos, Jacarepaguá, Rio de Janeiro
Descida Vertiginosa

Investida Única: 21 de janeiro de 2003

Conquistadores: Rogério de Oliveira, Marcos Virgílio dos Santos.

Em homenagem a Haroldo Poyart Mourão já falecido, amigo de Rogério.

4) Par. Biocosmos

Morro Três Irmãos, Jacarepaguá, Rio de Janeiro
Escalada Difícil

2 Investidas, conquista: 08 de março de 2003
Conquistadores: Rogério de Oliveira, Pedro Caliano e Eduardo Bitencourt.

Refere-se à teoria biológica da criação do universo.

5) Par. Big Bang

Morro Três Irmãos, Jacarepaguá, Rio de Janeiro
Escalada Muito Difícil

3 Investidas, conquista: 20 de dezembro de 2003

Conquistadores: Rogério de Oliveira, Cláudio Gomes de Souza, Mario Arnaud e Rafael Wojcik.

Refere-se à teoria física da criação do universo.

6) Var. Inti-Ilmiani

Morro das Antas, Parque Estadual dos Três Picos
Escalada Fácil

Investida Única: 10 de abril de 2005

Conquistadores: Leo, Santa Cruz e Favre.

Variante que permite o acesso ao platô intermediário do Morro das Antas partindo diretamente do rio através de um costão, evitando os diedros iniciais.

O nome em aymara significa Sol do Ilmiani, a gigantesca montanha nevada de 6460 metros que domina toda a paisagem vista de La Paz e arredores, na Bolívia.

Escolhemos também esse nome porque tem tudo a ver com a difícil mas não impossível unidade latino-americana.

Inti-Ilmiani é o nome do lendário grupo chileno de música andina, cuja formação inicial recebeu influência de Victor Jara e Violeta Parra.

Mesmo muito jovens, nos primeiros anos da década de 70, Horacio Duran, José Seves, Horacio Salinas e Jorge Coulon, dentre outros, souberam garimpar com muita sensibilidade verdadeiras preciosidades do folclore andino, que foram gravadas e hoje são consideradas clássicas. Também compuseram muitas músicas que são apreciadas em todo o mundo não só por seus arranjos inovadores e melodias envolventes, como também por suas letras combativas. Ao longo dos últimos 35 anos, o Inti-Ilmiani passou por várias formações mantendo sempre a qualidade musical.

Recentemente foi divulgada a controvérsia de

reunir o Inti-Ilmiani histórico, formado por vários de seus músicos originais. Esperamos que interesses comerciais das gravadoras e outros interesses não impeçam que a autêntica música andina possa continuar florescendo em grupos como o Inti-Ilmiani.

7) Des. Simón Bolívar

Morro das Antas, Parque Estadual dos Três Picos
Descida Muito Inclinada

5 Investidas, conquista: 08 de outubro de 2005
Conquistadores: Leo, Borges, Cela, Rodrigo, Santa Cruz, Bonolo, Osiris, François, Favre, Thiago, Guilherme Mocellin, Mario Arnaud, Rafael Wojcik, Sergio D'Oliveira e Rafael Albuquerque.

Descida diretíssima que agiliza o retorno à base na primeira parte do Par. Unidade Latino-Americana, evitando a descida em lances diagonais dos diedros iniciais. Homenagem ao Libertador Simón Bolívar que viveu, sonhou e lutou infatigavelmente pela unidade latino-americana.

8) Par. Unidade Latino-Americana (ver matéria na página 48)

Morro das Antas, Parque Estadual dos Três Picos
Escalada Muito Difícil

22 Investidas, conquista: 12 de agosto de 2006
Conquistadores: ver relação completa dos 30 conquistadores no fim da matéria.

9) Des. Cem Anos de Solidão

Morro das Antas, Parque Estadual dos Três Picos
Descida Muito Inclinada

2 Investidas, conquista: 09 de setembro de 2006
Conquistadores: Buarque, Bonolo, Santa Cruz, Filipe, Thiago, Marina Iguatemy, Gabriela Huamán e Priscila Muniz.

Descida pelo colo entre o Morro das Antas e o

Morro dos Cabritos que leva até a base do Par. Unidade Latino-Americana.

Homenagem ao livro homônimo do colombiano Gabriel Garcia Marques que descreve alegoricamente com perfeição, de modo lírico e épico a saga latino-americana.

Pouco antes de receber o Prêmio Nobel de Literatura em 1982, Garcia Marques declarou numa entrevista, quando perguntado sobre se a fama o incomodava: "Não desejo fama a ninguém. Acontece com a gente o que acontece com os montanhistas que não medem esforços para chegar ao cume e quando chegam, o que fazem? Descer ou tentar descer discretamente com a maior dignidade possível"

10) Des. Gracias a la Vida

Morro das Antas, Parque Estadual dos Três Picos
Descida Pouco Inclinada

Investida única: 11 de novembro de 2006

Conquistadores: Leo, Bonolo, Santa Cruz, Cela, Godinho, André Kaercher, João Leite.

Pequena descida que se inicia próximo ao cume e permite o retorno à trilha normal com segurança, principalmente em caso de uma chuva repentina.

Homenagem à música homônima de Violeta Parra. Após a conquista do Par. Unidade Latino-Americana demos graças à vida por havermos conseguido transformar o sonho em realidade.

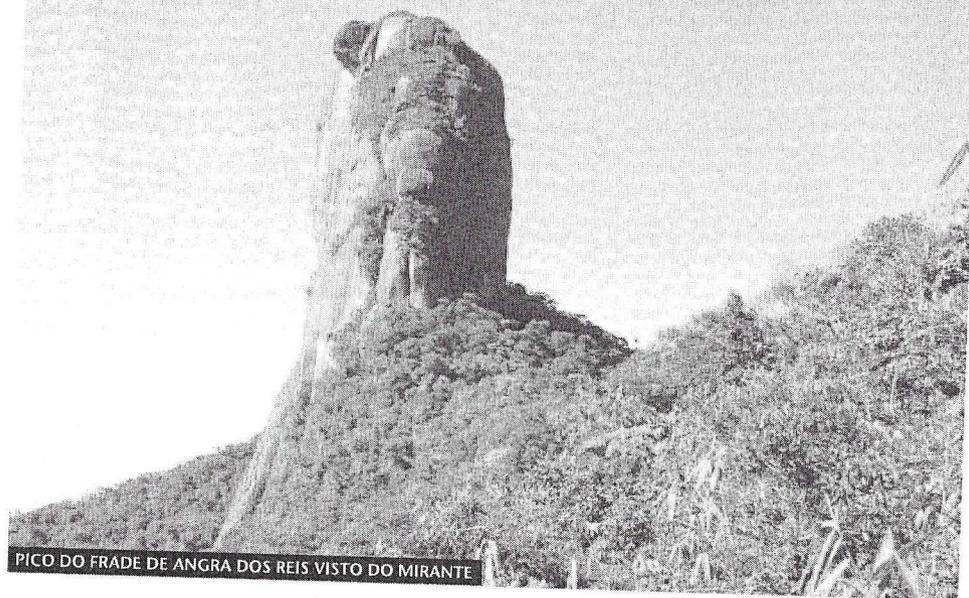
11) Cha. Maria dos Santos Bento

Morro do IBC, Cachoeiro do Itapimirim, ES
Escalada Difícil

2 investidas, conquista: 3 de dezembro de 2006
Conquistadores: Valdecir Bento, Vinícius Araujo, Eduardo Machado e Aline Fonseca.

Homenagem à esposa do Valdecir.

Pico do Frade de Angra



PICO DO FRADE DE ANGRA DOS REIS VISTO DO MIRANTE

Nos dias 14 e 15 de janeiro de 2006, a Unicerj realizou uma magnífica excursão com destino ao Pico do Frade de Angra, no Parque Nacional da Serra da Bocaina, excursão esta ainda inédita pelo Clube, valendo pelo Estágio Supervisionado da ETGE/2005 em que coube a mim a prazerosa tarefa de supervisionar o Guia Estagiário Thiago. O terceiro participante da excursão foi um amigo do Thiago, o Graziani de Miranda. Vale ressaltar que esta excursão, como as demais do Estágio, ocorreram em plena época das chuvas torrenciais, causadas pelo implacável verão tropical do Rio de Janeiro.

Após duas horas de viagem do Rio até a pacata cidade paulista de Bananal e mais duas horas e meia para cobrir os últimos 38 km restantes até a Pousada Brejal, numa precária estrada de terra, começamos a caminhada de dois dias, por

volta das 9:00 horas. O objetivo, desde o início, era chegar, ao fim do primeiro dia, ao cume do Frade, bivacar e voltar no dia seguinte. Mas como o montanhismo não é uma ciência exata, dependíamos de alguns fatores para cumprir nosso objetivo.

Dois eram fundamentais: o clima deveria ajudar, já que nesta época os fins de tarde na Serra do Mar do sul fluminense costumam ser recheados de verdadeiros dilúvios e raios, uns dos maiores desafios a nós, montanhistas. O segundo fator que deveríamos superar era o desconhecimento da trilha, já que nenhum de nós três tinha feito esta caminhada. Mas não fomos no escuro, pois antes conseguimos um belo croqui, feito pelo José Augusto de Carvalho, montanhista de um grupo independente de São Paulo, o Trekking & Travessias. Vale registrar que sem este croqui

o sucesso de nossa excursão seria ainda muito mais incerto...

De posse do croqui, seguimos pela caminhada sem muitos problemas. Apenas em alguns trechos tivemos dúvidas, já que existem muitas bifurcações pelo caminho, principalmente feitas por caçadores da região. Thiago, com seu apurado senso de orientação foi seguindo em frente, conduzindo muito bem a excursão. Fomos avançando num ritmo forte, perdendo o mínimo de tempo possível e realizando poucas paradas, principalmente por causa das mutucas.

Lembro que, a cada hora avançada na direção certa, o Thiago me falava: "É Cela, temos 30 (depois 40, 50, e assim por diante) por cento de chance de pernoitarmos no cume do Frade, com a Baía da Ilha Grande e todo o litoral sul fluminense aos nossos pés".

E assim fomos aumentando nosso percentual de chance de chegar ao cume antes do anoitecer. Até que, por volta das 16:00 horas, chegamos num local com uma vista privilegiada do Pico do Frade e de todo o litoral. Fizemos uma merecida pausa para fotos (muitas!) e uns goles de água, já que para chegarmos até ali tivemos que vencer um grande desnível, o maior da caminhada até então. Dali até o cume, conforme previsto no croqui, levaríamos mais uma hora, contornando a pedra até chegarmos numa escada de madeira, que constitui a etapa final da subida.

Finalmente chegamos na base da escada, que de tão precária, restam apenas alguns degraus, mas que são de grande valia para subir um íngreme lance da caminhada. Para nossa maior segurança levamos uma corda de 30 metros e 3 fitas com mosquetões de rosca para nos encordarmos, que utilizamos sem pensar duas vezes. Na base da escada, seguindo a "tradição" da caminhada, o Thiago fala que temos 99% de chance de alcançarmos nosso objetivo. Em seguida, dou uma



NASCER DO SOL NO CUME DO FRADE DE ANGRA

risada de grande satisfação para ele, vendo nossa meta cada vez mais próxima...

Vencido o trecho final, partimos para o cume. O Thiago, em sinal de agradecimento por tê-lo acompanhado até ali, permite que eu tenha a honra de ser o primeiro a chegar no cume. Um belo momento, inesquecível! Conseguimos! Havíamos vencido vários obstáculos e agora tínhamos nossa recompensa: um visual espetacular! Todo o litoral sul fluminense, a Baía da Ilha Grande e suas ilhas, além das praias do litoral norte paulista. Ao norte, o Vale do Paraíba e a Serra da Mantiqueira, com o maciço do Itatiaia bem ao fundo e suas inconfundíveis Prateleiras e Agulhas Negras ao alcance de nossas vistas. Um visual com a capacidade de maravilhar até mesmo o mais insensível dos seres humanos...

Depois de várias fotos e contemplações, armamos nossa barraca e fomos preparar nosso jantar, sob a luz intensa de uma lua completamente cheia, que há pouco tinha nascido no horizonte. Um jantar no cume do Pico do Frade, com aquela vista maravilhosa e ainda por cima sob lua cheia e um céu estupidamente estrelado, num clima de total paz e harmonia. Realmente, não poderíamos pedir mais nada, apenas agradecer a chance de podermos vivenciar aqueles momentos, que ficarão, com certeza, gravados pra sempre em nossas memórias.

Cela



BUARQUE, BORGES, GODINHO. CHACRARAJU AO FUNDO

El Misti II

O título de “*muy generosa ciudad de Huaraz*” é mais do que justo para descrever essa cidade e a região do *Callejón de Huaylas* onde ela se encontra. Situado nos Andes, ao norte do Peru, o *Callejón de Huaylas* é um vale formado pelo Rio Santa que tem a leste a *Cordillera Blanca*, com inúmeras montanhas nevadas de mais de 5000m, e a oeste a *Cordillera Negra*. O que Huaraz e outros povoados vizinhos perdem em beleza arquitetônica, consequência de desastrosos terremotos e enxurradas que com frequência obrigam a população a reconstruir cidades do zero, eles ganham em beleza natural e cultural. Lá, pela primeira vez, pude ouvir o quechua, idioma difundido pelos incas antes da chegada dos espanhóis e que ainda é a língua mais usada pelos campesinos em torno de Huaraz. Apesar disso e mesmo tendo sido reconhecido como um dos idiomas oficiais do Peru em 1975, o quechua é ignorado e marginalizado pelos órgãos governamentais, sendo apenas ensinado de “pai para filho”, como nos contou um Guia de montanha local que também era formado em letras, preocupado com a possibilidade de desaparecimento desta língua. Com raríssimas exceções, todos falam o castelhano e, devido à grande quantidade de estrangeiros, dentro de Huaraz também é possível se comunicar razoavelmente bem em inglês.

Huaraz é uma cidade que vive do turismo, recebendo muitos montanhistas estrangeiros, principalmente na alta temporada que vai de maio a setembro. Além das montanhas, a região também oferece diferentes atrativos como banhos termais, esqui no glaciar de Pastoruri e diversos sítios arqueológicos como o de famoso Chavín de Huantar, construído há mais de 3000 anos (isso mesmo, três mil anos!) e ainda em bom estado de conservação.

Vindos de Arequipa, Godinho e eu chegamos a esta cidade na noite do dia 24/7/04, após duas longas viagens de ônibus, uma de 15 horas para o norte até Lima e outra de 8 horas seguindo de Lima a Huaraz.

No primeiro dia fizemos um passeio leve por Honqopampa onde existem interessantes ruínas pre-incaicas e na manhã seguinte, vindo de Lima, chegou o Borges. Juntos fizemos excursões de um dia à Laguna Churup, à Laguna 69 e mais uma escalada de dois dias ao nevado Vallunaraju, com 5675m. Apesar de ser considerado um dos nevados mais fáceis da região, a subida ao Vallunaraju é mais técnica, exigindo uso de *crampones*, cordas e *piolets*. Mesmo estando melhor aclimatado, a altitude do Vallunaraju foi suficiente para me fazer reencontrar o conhecido soroche que eu havia experienciado na frustrada subida ao Misti em Arequipa.

Mas, além do soroche, eu tinha outras razões para me lembrar do Misti, mesmo antes dessa escalada ao Vallunaraju. A idéia de tentar novamente subí-lo ficava me martelando a cabeça, afinal essa era a única montanha que havíamos premeditado escalar ainda no Brasil. Durante a programação desta viagem, Godinho e eu havíamos nos proposto de, após Huaraz, voltar ao sul do Peru para conhecer Cusco e Machu Pichu. Fiz alguns cálculos e concluí que reduzindo em um dia a minha estadia em Huaraz e tirando também um dia de Cusco, seria possível tentar acertar minha diferença com o Misti, abrindo

mão, porém, da visita a Machu Pichu. Apesar das solenes promessas feitas de voltar um outro ano a Arequipa para subir o Misti, decidi não esperar tanto tempo e parar por lá no caminho para Cusco. Isto resultou em vários dias nos telefones de Huaraz para alterar passagens de avião e contratar uma agência de excursões em Arequipa, para me incorporar a um grupo que estaria subindo o Misti nos dias 2 e 3/8.

Assim, após 6 dias em Huaraz e uma demorada despedida do Borges e Godinho na rodoviária, por conta de um atraso do ônibus, fui para Lima aonde cheguei tarde da noite, pernoitando no primeiro hostel que encontrei no centro da cidade. No dia seguinte passei a manhã conhecendo um pouco do centro histórico de Lima para passar o tempo e à noite me encaminhei ao aeroporto para pegar o avião que, após mais um longo atraso, me levaria finalmente de volta a Arequipa. Chegando lá, à noite, fui recebido por um motorista da agência que eu contratara e, depois de acertar os detalhes finais da excursão, me recolhi no hotel para arrumar as coisas e descansar.

E na manhã seguinte lá estava eu mais uma vez com a mochila nas costas enfrentando a encosta de cinzas, pedras e *ichu* do Misti, acompanhado desta vez por mais uma dúzia de turistas de diversos cantos do mundo, enquanto Borges se reencontrava com a Raquel em Lima para voltar ao Brasil e Godinho passeava pelos arredores de Cusco e programava sua ida a Machu Pichu.



CUME DO MISTI

Desta vez eu não só já estava mais bem aclimatado pela estadia em Huaraz, como ainda podia aproveitar a moleza de não precisar levar nem me preocupar com a refeição, pois esta seria providenciada pelos guias contratados. De fato, enfrentei a subida do primeiro dia com uma disposição bem melhor que a da primeira vez. É verdade que armamos o acampamento em um platô mais baixo que o daquela outra investida, o que significava que o ataque do dia seguinte seria mais longo, começando à meia noite. Em pouco tempo o grupo, enquanto tentava se abrigar do vento frio e cortante, se juntou para aguardar ansioso a comida quente preparada por um dos guias. Não consigo imaginar que algum restaurante do mundo consiga fazer um jantar tão bom quanto aquela sopa com miojo, seguida por uma rodada de purê de batatas (daqueles de mistura mesmo) com salsichas e um mate de coca para arrematar, tudo bem quentinho e com uma belíssima paisagem ao nosso redor. Coisas da montanha...

Acordamos de madrugada, botei todas as camadas de roupa disponíveis e após mais uma rodada de mate de coca saímos em um longo ziguezague rumo ao cume apenas carregando câmera, água e um pouco de comida que praticamente não eram consumidos. Uma das francesas do grupo, sentindo os efeitos da altitude preferiu ficar no acampamento e, já durante a subida, um casal de holandeses também precisou voltar pelos mesmos motivos. Subi bem devagar, pois além sentir o cansaço, não queria gastar minhas energias antes de garantir o cume e também precisava parar para checar minha glicemia de vez em quando.

O sol começou a nascer do outro lado do Misti e sobre Arequipa vimos sua colossal sombra triangular projetada. Mais algumas horas de ziguezague sofrido e alcançamos borda da cratera, mas, apesar de impressionante, ainda não havíamos chegado ao cume. Este se situava em outro ponto da borda, não muito longe dali e era marcado por uma grande cruz de ferro que já



CRATERA DO VULCÃO EL MISTI

podia ser vista e nos atraía como um imã. Agora já não havia como parar, pois a visão do cume nos motivava cada vez mais a subida feita a passos de formiga. Atravessamos com muito cuidado uma rampa de gelo e pouco depois, finalmente, cheguei ao cume do Misti! Ainda eram as primeiras horas de uma belíssima e ensolarada manhã e ao nosso redor nos observavam outras montanhas nevadas, como o Pichu-Pichu e o Chachani. Um pouco abaixo estava a cinza cratera do Misti e bem lá embaixo a branca Arequipa. Fotos, cumprimentos e descanso.

A descida desse vulcão me impressionou muito, pois não precisava ser feita no mesmo ziguezague da subida e sim rápida e diretamente para baixo pelas fofas encostas de cinzas. A cada passo dado para baixo, tudo ao seu redor se movimenta ao mesmo tempo e você vai deslizando célere junto com cinzas e pedras como em uma esteira rolante. Se a cansativa subida ao cume durou cerca de 7 horas, foi necessário apenas pouco mais de uma hora (!) para baixarmos de volta ao acampamento, aonde chegamos por volta das 9:30 da manhã. Enquanto o resto do grupo chegava aos poucos, eu aproveitei para tirar as roupas de frio e esquentar ao sol, tirando também os sapatos para verificar o estado dos meus pés que haviam estado dormentes pelo frio durante toda a subida. Como todos os dedos estavam em seus lugares, pude me dedicar com tranquilidade ao farnel não comido e à arrumação das coisas para a segunda parte da descida.

Então, nesta mesma tarde eu já estava em Arequipa, almoçando na Plaza de Armas sob o olhar camarada do Misti, já com a passagem de ônibus que me largaria em Cusco na madrugada seguinte. Nesta terceira etapa da viagem reencontrei o Godinho, mas não pude ir com ele a Machu Pichu. Apesar do inegável interesse histórico e turístico dessa cidade, fui me convencendo que esse programa não teria valido a pena por ser muito pasteurizado, caro e lotado de turistas, tendo sido bem melhor a sua troca pelo Misti (o que me lembrou daquela famosa fábula da “raposa e as uvas”). Mas de qualquer forma, com o espírito leve, pude visitar Saqsayhuaman, Puca-Pucara e Tambomachay de bicicleta e ainda passear por Pisac, que também são impressionantes exemplos da arquitetura inca (e bem mais baratos que Machu Pichu!).

Surpreendeu-me descobrir nesse país andino, e em outros que visitaria mais tarde, tanta riqueza cultural e histórica, mescladas em um relevo e natureza tão diferentes dos brasileiros, pois pouco me haviam ensinado no colégio sobre a história de nossos vizinhos.

Essa viagem, com o deslumbramento de ver pela primeira vez montanhas nevadas na cordilheira dos Andes, e particularmente a subida ao Misti, transformaram a curiosidade que eu tinha pelos Andes em um gosto que tive a sorte de repetir outras vezes nos dois anos seguintes, sempre com boas descobertas e acompanhado por amigos da Unicerj.

Buarque

PASTORURI, PARQUE NACIONAL DE HUASCARAN, PERU



Bummmm!

– Que foi isso?

– Oxi! Esqueci que num tava em casa de mainha e caí do beliche!

Assim acordamos em Bogotá. Depois de meses de planejamento, finalmente começava nossa investida por Colômbia, Equador e Peru. Era 8 de setembro de 2005 e a capital colombiana fervilhava de gente. Priscila, Buarque, Nery e eu havíamos chegado na noite anterior e nos hospedado em um *hostal* no centro da cidade. Sem muitas opções para a janta arriscamos um pouco da culinária local: *pollo con papas y arepas* (frango com batatas e panquecas de milho). Não podemos dizer que foi uma má escolha. Não foi uma escolha! Mas ao longo das 3 semanas seguintes teríamos a chance de experimentar as múltiplas variantes do *pollo con papas*.

Sáimos cedo para uma volta pelas redondezas, não sem antes ver o Nery desenferrujar seu espanhol: “Tengo mucha plata! Tengo que escondê-la”. Tudo bem, escondemos! Mas não precisa falar alto no meio do *hostal*! Esticamos as pernas conhecendo as sedes dos 3 poderes ao redor

da *Plaza de Armas*, as obras do pintor e escultor Fernando Botero (conhecido por suas figuras “cheinhas”), o fascinante *Museo del Oro*, com belíssimas peças pré-colombianas e o Santuário de Monteserrat, nossa primeira montanha em terras estrangeiras (que subimos de teleférico!). Infelizmente nossa passagem por Bogotá foi muito curta, pois partiríamos já na manhã seguinte para Pasto, quase fronteira com o Equador.

Após um voo forçado (sim, porque nunca mais entro em um avião com hélices!) e uma escala em Cali, chegamos a Pasto. De lá, tomamos um taxi para Ipiales, onde cruzamos a fronteira para o Equador. O sudeste da Colômbia é menos conhecido e ainda sofre forte influência da guerrilha, o que nos fez seguir adiante. Já no Equador rumamos para Otavalo, primeira cidade “grande” para os que vêm do norte e ponto central para diversos passeios. Optamos por um agradável *hostal* um pouco afastado da cidade, mas que nos possibilitava diversas caminhadas a cachoeiras e mirantes. Depois de “aquecidos”, partimos em

* gritos ouvidos ininterruptamente na rodoviária de Baños e demais cidades do Equador

busca de algo mais desafiador: impedir a Priscila de gastar tudo na feirinha de artesanato!

Manhã seguinte e partimos para os Lagos de Mojanda de bicicleta. Acho que foi demais para os *muchachos* que vieram da praia... andar de bicicleta a 3.700m! Só mesmo a bela paisagem dos 3 lagos de águas azuis pra renovar as energias. Ao nosso lado o vulcão Fuya-fuya (4.200m) escondia seu cume coberto por nuvens. Depois disso nos restavam os 16 km de descida sobre paralelepípedos até a cidade. Aproveitamos e levamos um frango assado quentinho para o *hostal*, que quase tivemos que deixar com os 3 dogos argentinos na entrada!

Resolvemos conhecer as opções mais distantes da cidade e escolhemos o formoso Lago Cuicocha, aos pés do vulcão Cotacachi, que mostrava seu cume nevado em um dia de céu límpido. O lago faz juz ao nome ("lago dos Deuses") e é, na verdade, uma cratera de vulcão alagada. Em sua superfície azul encontram-se 2 ilhas formadas por lava, e ao redor delas é possível distinguir as pequenas bolhas de enxofre indicando que o vulcão ainda está ativo.

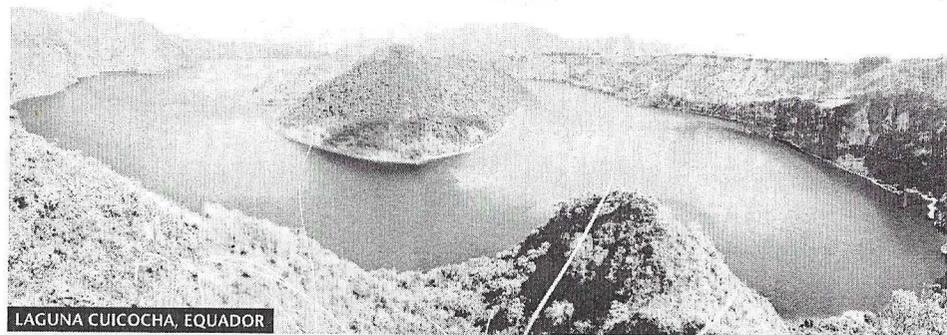
Seguimos para Quito em um típico ônibus equatoriano, vermelho, com cortinas bordadas e DVD pirata .

Já na capital reiniciamos a seção *gourmet* e experimentamos a *chicha morocho*, um fermentado de milho que por pouco não nos derruba, e a excêntrica combinação de comida local com culinária chinesa, chamada *chifa*, que ainda nos renderia outra história. Bem alimentados, despertamos no dia seguinte para nossa nova empreitada: a investida ao vulcão Ruccu Pichincha (4.698m), que fica no entorno da cidade. Chegando aos pés da montanha descobrimos o recém construído teleférico (TeleferiQo) que leva os turistas a 4.050m de altitude. Estávamos prontos para enfrentar a subida mas, para não fazer uma desfeita com os equatorianos, tomamos o teleférico até *Cruz Loma*, a estação superior. A partir daí algumas horas de caminhada nos

levam às suas encostas, já cobertas por cinzas que dificultam bastante o trecho final. Os pés afundam como areia e as pedras se desprendem facilmente, rolando encosta abaixo. Do alto de sua cratera é possível ver seu companheiro, o Guagua Pichincha, que fica no mesmo maciço e está ativo! A paisagem é estonteante e as diversas rochas abaixo sinalizam o poder daquela força da natureza.

Construir cidades aos pés de vulcões é uma característica interessantíssima do Equador, provavelmente pelo uso das águas termais e da fertilidade do solo. Quito é cercada por vulcões, assim como Otavalo e outras cidades por onde passaríamos mais tarde. O país é cortado de norte a sul por duas cordilheiras que derivam dos Andes peruanos, tornando-o extremamente variado ambientalmente, principalmente se considerarmos sua diminuta área. O Equador mostrou um destino incompreensivelmente pouco conhecido, do qual destacam somente as Galápagos. No entanto possui desde lindas praias com temperaturas "cariocas" a montanhas nevadas, passando por uma riquíssima floresta tropical. Além disso Quito possui um Centro histórico riquíssimo, no qual destacam-se a Igreja da Companhia de Jesus, o Museu de São Francisco e a Basílica de Quito com belos exemplos do sincretismo religioso do início da colonização espanhola.

"Quito, Ambato! Ambato, Quito!" Os gritos dos cobradores dos ônibus apressavam nossa ida para Baños, o maior centro de ecoturismo do Equador. De Baños partem excursões para Rio Verde, já na floresta tropical, Cotopaxi e outros vulcões e cachoeiras ao redor. Buarque seguiu logo pela manhã enquanto Priscila, Nery e eu assumimos nossa condição sou-turista-mesmo-e-daí e partimos para um passeio à *Mitad del Mundo*. Após algumas horas baldeando de trens a metrô a ônibus, e já achando que estávamos voltando para a Colômbia, chegamos à *Mitad del Mundo*! O marco dividindo Norte e Sul; a água que descia pelo ralo num sentido no Norte e noutro no



LAGUNA CUICOCHA, EQUADOR

Sul; o pequeno museu descrevendo as missões geodésicas francesas e... o Buarque estava certo: isso é coisa pra turista! Mas não podíamos sair do Equador sem botar um pé em cada hemisfério! A parte curiosa (e mais interessante) foi a visita a uma pequena comunidade onde o vento literalmente fazia a curva (e quase levou Priscila junto!). Tinham casas, escolas, pasto, plantações. Tudo normal não estivessem dentro da cratera de um vulcão extinto! Uma enorme cratera de 4km de diâmetro! Retornamos para Quito ampliando nosso passeio: tomamos um ônibus errado! Tudo bem, conhecemos um pouco mais da cidade e seguimos para encontrar nosso amigo em Baños, onde certamente haveria uma cama quentinha e uma boa comida nos esperando.

Ah, nada como um bom amigo. Buarque já havia descoberto um bom *hostal* e um restaurante chinês, onde faríamos nossa janta. Para quem está acostumado a almoçar no Centro do Rio, uma comida chinesa é mais garantido que as iguarias locais. Abrimos o menu e, devido à diversidade de gostos e à fartura do cardápio optamos por pedir 2 meia porções. Foi quando sem perceber caímos no terrível golpe do Chaulafan! O atendente nos trouxe 2 porções inteiras ("2 vezes 1/2 son 4 medio chaulafan")! E cobrou!!! Chaulafan safado! Mesmo depois de muito argumentar, não teve jeito, pagamos em dobro. Pelo menos

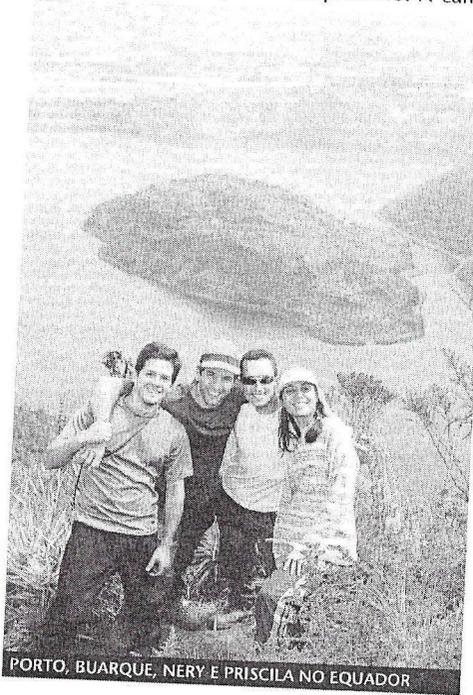
era bem barato.

Cedo já estamos de pé (sob protestos do Nery, é claro!) e partimos para a loja onde o Buarque já havia negociado um passeio de bicicleta. Mas foi só ouvir a descrição do passeio que o Nery se animou: "Solo bajada". Logo estávamos em cima das magrelas descendo a Panamericana, ladeada o tempo todo pelo magnífico Rio Pastaza e as maravilhosas cachoeiras que nele desaguavam. Saindo um pouco do asfalto seguíamos por uma estreita estrada de chão onde podíamos passar debaixo de outras cachoeiras. Paramos um pouco mais a frente num aglomerado de gente. Era um bondinho para atravessar o *canyon*. Não nos fizemos de rogados e deixamos as bicicletas de lado para um passeio aéreo. Que vista! Era possível acompanhar todo o traçado do rio. Seguimos por essa paisagem por 17 km, até o *Pailón del Diablo*, uma fantástica queda d'água. Buarque e Nery, nossos ciclistas profissionais seguiram pelo resto da estrada até Rio Verde, já na Floresta Tropical. Eu e Priscila resolvemos ficar por ali pois já andávamos como dois *cowboys*.

No dia seguinte nos despedimos de Baños. Uma pena, pois há muita coisa para conhecer no entorno, inclusive o Tungurahua, um vulcão ativo ao lado que alimenta as águas termais da cidade. Escapamos de uma boa pois algumas semanas depois de voltarmos para casa ele

entraria em erupção. Seguimos para El Tambo, onde poderíamos visitar as famosas ruínas de Ingapirca, mas algo no meu horóscopo me dizia pra ter ficado em casa. Tomamos um ônibus que seguia por um belo caminho até que... ao lado começaram a surgir precipícios! Mas eles não estavam "lá" ao lado e sim "aqui" embaixo das rodas do ônibus! Estávamos em uma estreita estrada de terra que se desfazia sob os pneus do ônibus! O silêncio tomou conta dos passageiros que esboçavam nada além de um sorriso nervoso a cada curva daquela serra. Até que paramos bruscamente! Chegamos? Não! O ônibus começa a voltar de ré. Havia errado a curva e por pouco não voltamos ao pó!

Paramos em Riobamba para uma baldeação e seguimos para El Tambo em pé. Quatro horas depois o que restou de nossos ossos finalmente chegou ao nosso destino. Depois disso não fazia muita lógica escolhermos onde comer ou dormir e optamos pelo mais próximo. A cama

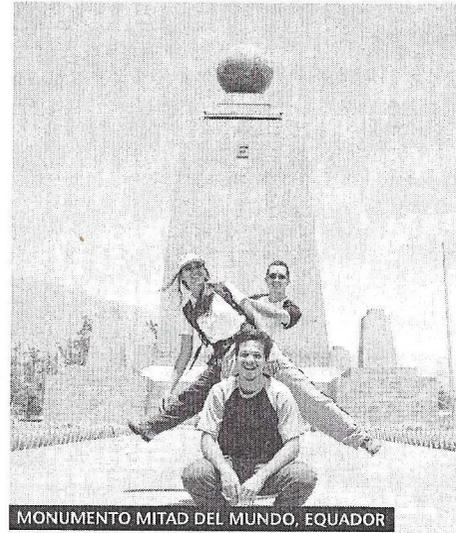


PORTO, BUARQUE, NERY E PRISCILA NO EQUADOR

estava ótima mas a comida cobrou seu preço... No dia seguinte, já recuperados, seguimos para as ruínas de Ingapirca. De dentro do ônibus já era possível vê-las... e continuamos assim, observando de dentro do ônibus! Entre nós e aquelas maravilhosas ruínas havia uma manifestação dos moradores locais que reivindicavam a urbanização da comunidade e bloqueavam nossa entrada. Bem, quando não é pra ser...

Uma viagem de ônibus e algumas horas depois chegamos a Huaquillas, fronteira com o Peru (às 20h!). Depois de rodarmos a cidade em busca do posto de imigração, resolvemos trocar uns dólares por *nuevos soles* peruanos. E bancamos os turistas... 22h, país desconhecido, dinheiro desconhecido, cidade de fronteira... recebemos nossas boas vindas ao Peru! Eu e Buarque somos agraciados com 2 notas falsas! Mas ainda não sabíamos e iríamos descobrir da pior maneira (Não, não fomos presos!). Depois de muito discutir o preço, com direito a cena "vou a pé mesmo", cruzamos a fronteira de taxi, parando em Tumbes, a primeira cidade do Peru. De lá pegaríamos um ônibus até Chiclayo, nosso real destino naquele dia. Mas chegando em Tumbes encontramos a cidade parada. Havia um *paro* em todo o país em protesto contra o governo! Buscamos um hotel e, sem muito o que procurar, decidimos ficar no mais barato. Afinal de contas, só precisávamos de um lugar pra tomar banho e desmaiar até o dia seguinte, quando seguiríamos viagem bem cedo. Pelo menos era o que esperávamos.

O estado do banheiro não nos animou a tomar banho. Acho que por isso as pulgas nem se meteram conosco essa noite. Logo cedo buscamos as empresas de ônibus mas estavam todas paradas. Aceitamos a idéia de um taxista de seguir até Mancora, um famoso balneário mais ao sul de onde, segundo ele, estavam partindo ônibus para Chiclayo normalmente. Entramos no carro e, além do motorista, entra mais um capanga! "É hoje! Vão desovar a gente!". Passado o susto, vimos que é costume andar com mais um. Em



MONUMENTO MITAD DEL MUNDO, EQUADOR

Mancora descobrimos que os ônibus também estão demorando a sair e vamos passar a tarde por lá. Aproveitamos pra discutir o preço do taxi sem pressa. O safado do taxista havia combinado um preço por pessoa conosco e chegando lá nos disse que o preço era pra 6 pessoas! Gabriela está tentando nos explicar até hoje.

Em Chiclayo partimos para uma visita aos sítios arqueológicos no entorno como as Ruínas de Chan-Chan, as Pirâmides de Túcume e o riquíssimo Museu do Senhor de Sipan, onde é possível conhecer jóias, vestimentas e objetos resgatados por arqueólogos dos sítios. Vale destacar que nos sítios por onde passamos era possível vê-los trabalhando a distância enquanto os turistas visitavam áreas já escavadas e abertas ao público. A partir de Trujillo, um pouco mais ao sul, fizemos um *tour* pelas *Huaca del Sol* e *Huaca de la Luna* (pirâmides feitas de tijolos de barro) e conhecemos os folclóricos *caballitos de tortora* (canoas feitas da "palha" da *tortora*). Agora é hora de ir para as montanhas!

Chegamos a Huaraz, cidade base para diversas atividades de montanha, principalmente pelo enorme Parque Nacional de Huascaran. Coisa

de deixar a gente de boca aberta, acostumados com PNSO. Aqui é só pedir informação e entrar. O Parque inteiro está a disposição. Cachoeiras e lagos maravilhosos como a Laguna 69, que tivemos a oportunidade de visitar. Águas azuis a beira de um paredão rochoso com seu cume nevado, depois de passar rios de águas congelantes e maravilhosas montanhas. Quem sabe numa próxima vez dedicaremos umas 2 semanas a esse Parque. Em Huaraz também encontramos ruínas enormes e bem cuidadas como as de Chavín de Huantar, cercada de mistérios.

Despedimo-nos de Huaraz em direção a Lima, para nossa volta pra casa. Mas não podíamos terminar essa maravilhosa viagem sem conhecer uma sensação que não temos aqui no Brasil. Finalizamos nossa viagem com um "campo-escola" de escalada no gelo, em Huaraz. Quem nunca comeu melado, quando come se lambuzo, e nós não deixamos por menos.

Esperamos o avião em Lima já recordando nossos momentos nas semanas anteriores. E recordamos até hoje enquanto aguardamos ansiosos pela próxima vez! 



CAMPO ESCOLA NO GELO, PASTORURI, PERU

Despedidas

O ano de 2006 foi marcado pela perda de quatro pessoas muito próximas do convívio da Unicerj e que direta ou indiretamente ajudaram a construir o Clube que hoje conhecemos. Partiram Zé Luiz, sócio assíduo e entusiasmado desde 2003; Nettiinho, que participou do primeiro CBM e iniciou a segunda ETGE da Unicerj; Gilda, mãe do Guia Ricardo Borges, homenageada em 1995, com uma desafiadora via no Dedo de Deus, e Terezinha, mãe do Guia Marcos Eboli, no trágico acidente envolvendo o avião da Gol e um jato Legacy. Estas partidas abalaram profundamente todos os sócios do nosso Clube, gerando as belas manifestações que vemos a seguir:

Um novo dia

Na tarde do dia 4 de junho de 2006, domingo, véspera do meu aniversário e do Dia Mundial do Meio Ambiente, eu me preparava para voltar para casa, após ter permanecido embarcado em uma plataforma da Petrobras durante 12 dias seguidos. Já estava me sentindo bastante ansioso e desconcentrado, quando no finzinho da noite, recebi a terrível notícia da morte do nosso companheiro Rodrigo Netto, sócio da Unicerj e músico do grupo Detonautas, assassinado numa tentativa de assalto.

Lembro-me dele lá na UFRJ, quando estudava engenharia eletrônica como tantos outros colegas que vieram a se associar à Unicerj a convite do nosso professor Osvaldo (Santa Cruz). Lembrei-me também do irmão do Filipe, Daniel Alvarenga, que também morreu estupidamente anos atrás, atropelado na calçada. O resultado dessa combinação (pré-desembarque + tragédias) fez com que eu não conseguisse dormir.

Levantei cedo e fiquei aguardando o helicóptero, que surpreendentemente chegou no horário marcado. Chegando ao aeroporto de Macaé, embarquei quase que imediatamente em um avião para o Rio. Quando o aviso para apertar os cintos apagou, tentei ler o livro Quarup, de Antônio Callado. Mas antes que pudesse abri-lo, a imagem inconfundível dos Três Picos de Friburgo apareceu na janela. Lembrei-me do Netto, que alcançou o cume do Pico Maior, a mais alta montanha

que se pode ver da Baía de Guanabara, durante a ETGE/1999. Vieram-me lembranças de tantos momentos maravilhosos que passei naquelas montanhas com os companheiros unicerjenses.

Capacete, Pico Maior, Pico Menor, Pico Médio. Logo depois o Caledônia destacou-se na paisagem. Alguns segundos depois reconheci os Dois Bicos, o Morro dos Cabritos e o Morro das Antas, no Vale dos Frades, os quais fui seguindo com o olhar. Quando olhei novamente para baixo, estávamos bem ao lado do Alto Mourão, com o Paredão Osvaldo Pereira iluminado pelos raios solares. O Morro do Telégrafo, o Tucum, o Morro das Andorinhas me mostrando os paredões Lucia Ladeira e Leila Diniz. O avião chegou bem perto do Costão do Pão de Açúcar, fez a curva no Paredão Santos Dumont, deu um rasante na Íbis e finalmente pousou de frente para a Serra dos Órgãos.

Escalavrado, Dedo de Nossa Senhora (onde fica a Descida Daniel Alvarenga, mais uma homenagem unicerjense), Dedo de Deus, Cabeça de Peixe, São João, São Pedro, Sino, Travessia... pensei mais uma vez no companheiro Rodrigo Netto e o sorriso voltou ao meu rosto.

Bonolo

Lealdade e Paixão

Todos nós que tivemos a oportunidade de conviver com Rodrigo Netto ficamos muito tristes com o que aconteceu nesse último domingo,

quando ele foi mais uma vítima da barbárie e truculência desse tempo que nos foi dado viver.

Fui seu professor no curso de engenharia eletrônica da UFRJ, onde como tantos outros alunos, deve ter ouvido, não poucas vezes, descrições minhas sobre o fascínio do montanhismo amador e não competitivo, capaz de iluminar as nossas vidas, pelo contato direto com a natureza no seu estado mais indomável e pelas amizades que podemos construir e preservar por muitos anos enquanto vivermos.

Nettiinho, como também era chamado pelos seus colegas de turma, ingressou na Unicerj assim que o Clube foi fundado e fez o primeiro CBM, que teve início em Abril de 1998. Foram realizadas memoráveis excursões, incluindo um acampamento no Parque Nacional do Itatiaia e a Travessia Petrópolis-Teresópolis.

No dia que o Clube completou o primeiro aniversário, em 17 de abril de 1999, realizamos uma grande festa em Miraflores para comemorar a conclusão do primeiro CBM e da primeira ETGE, sendo que Nettiinho foi um dos formandos do CBM. Seu desempenho foi tão bom que ele foi convidado e aceitou cursar a segunda Escola de Guias organizada pela Unicerj.

Teve então oportunidade de participar de excursões bastante exigentes, como ocorre em todas as Escolas de Guias que mereçam assim ser denominadas. Estive no Espírito Santo em uma tentativa frustrada de escalar o Pico da Freira, quando, paradoxalmente, o fracasso pode ensinar mais do que mil sucessos, pois nos dá a verdadeira dimensão da nossa frágil condição humana e da própria efemeridade de vida, frente ao imponderável e às forças titânicas da natureza. Naquela ocasião, bivacando no colo entre os Picos do Frade e da Freira, após termos feito a vertiginosa Descida Sérgio Carvalho, com seus negativos de cortar a respiração, transportando mochilas cargueiras superpesa-

das, fomos colhidos por um temporal que nos deixou completamente a mercê dos elementos, impotentes diante da fúria cataclísmica da tempestade, sem poder sair de lá até que o dia amanhecesse.

Lembro-me, perfeitamente, que Nettiinho esperava que eu ou o Leo, os Guias da excursão, encontrássemos um jeito de tirar todo o grupo dali, como se nós pudéssemos. Mas nós somos apenas seres humanos e não semi-deuses.

Tínhamos que esperar amanhecer, por mais que aquela situação fosse miserável. Mais do que saber o que fazer, na montanha, precisamos saber o que não fazer. Caso contrário, os riscos de acidente aumentam exponencialmente. O fato é que nada é simples nessa vida. Mais difícil ainda é aceitar como ela é e como de um momento para outro a gente pode perder tudo.

Ontem li o texto primoroso do Bonolo, antes de ir trabalhar e fiquei profundamente emocionado. Era como se eu estivesse ao seu lado, com o livro do Antonio Callado nas mãos sem poder me concentrar no pungente romance que é o Quarup, vendo tão de perto e, paradoxalmente, tão longe as montanhas que tanto amamos da Serra dos Órgãos, de Salinas e do entorno da Baía de Guanabara.

Posteriormente, já na UFRJ, perante meus alunos, compartilhei a minha revolta ao dizer que Nettiinho havia estado muitas vezes naquela mesma sala de aula, quando estudante, anos atrás. A tragédia absurda que o vitimou poderia ter acontecido com qualquer um deles, que me ouviam estupefatos ao cantarolar a "Canção do Novo Mundo", música de Beto Guedes e Ronaldo Bastos, que descreve um contexto semelhante, que foi a morte brutal de John Lennon, há um quarto de século, em Nova York: ... "Oh, minha estrela amiga, por que você não fez a bala parar?"

A última vez que nos encontramos, há alguns meses, Nettiinho disse que sentia muita falta das

excursões e dos amigos da Unicerj, mas que precisava se dedicar à sua carreira como guitarrista do conjunto Detonautas, que, por sinal, estava indo muito bem.

No futuro, quando tivesse mais tempo, pretendia aparecer no Clube e voltar a escalar conosco. E todos que não tiveram possibilidade de conviver com ele, descobririam, certamente um amigo, uma pessoa plena de bondade no coração. Infortunadamente, para todos nós, esse futuro nunca irá chegar. Fica então esse sentimento de vazio, de incognoscibilidade, como se tangenciasse o aniquilamento.

Tal qual ocorre em outros momentos de perplexidade absoluta, nós jamais iremos compreender o que aconteceu. Mas precisamos aceitar e seguir a estrada da existência.

E nesse prosseguir, talvez valha a pena refletir sobre a importância de destinarmos significativos momentos do tempo que nos resta viver, para, com lealdade e paixão, dignificarmos nossas vidas, compartilhando sonhos e realizações.

Santa Cruz

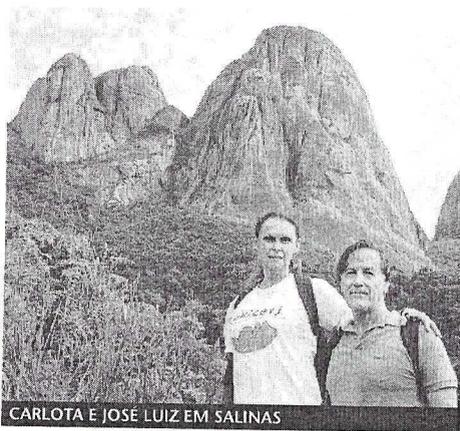
José Luiz Wanderley

(25/07/1952 – 03/06/2006)

No início de junho de 2006 perdemos nosso querido amigo José Luiz Wanderley, vítima de um aneurisma quando estava prestes a completar 54 anos.

Zé Luiz, como era conhecido, foi uma pessoa muito interessante: nas reuniões sociais tinha sempre alguma pergunta para os Guias sobre vias de escalada realizadas ou a realizar. Nesses casos, iniciava a conversa com a frase "Consulta Técnica". Depois ele anotava tudo em seu caderno.

Sua morte repentina nos deixou atônitos e provocou uma chuva de comentários na lista de sócios da Unicerj na internet.



Desde os mais próximos, como o François: *"... foi um grande companheiro de montanha. Fizemos juntos o mesmo Curso Básico em 2003. Foi um dos 22 sócios inscritos para cursar a ETGE/2005, a mesma que me formei. Escalamos juntos algumas vias nesta cidade, comemorou comigo em junho de 2005, meu aniversário no Diedo Infernal. Era nossa fonte de consulta quando não encontrávamos o Santa Cruz ou outro Guia mais experiente, para tirarmos dúvidas de uma via, pois havia sempre em sua pasta croquis e informações preciosas sobre caminhadas e escaladas ..."*

até os mais distantes como a Luciana Kondo que, do Japão, escreveu:

"... compartilhamos o encantamento com as primeiras escaladas, a alegria pelos primeiros cumes conquistados. Lembro com saudade do cafezinho quentinho em plena Pedra do Sino na primeira Travessia Petrópolis-Teresópolis ..."

e o Daniel Grimm que escreveu da Alemanha: *"... me lembro dele cheio de força, solidariedade e determinação para chegar ao cume. ... Me lembro tanto como ele conseguiu fazer a Carlota crescer, subir paredões difíceis para compartilhar estes momentos com ela ..."*

bem como Armel Bakita, do Gabão:

"... Mesmo estando do outro lado do oceano,

eu tenho acompanhado os acontecimentos e as conquistas da Unicerj. É com muita tristeza que eu recebi a notícia da partida do nosso queridíssimo Zé para outras montanhas.

Eu gostaria de apresentar à nossa querida Carlota e à toda família unicerjense meus sinceros pêsames."

O Guia da Unicerj Luis, em sua mensagem de despedida, disse:

"... fico tranqüilo com sua partida, pois sei que agora ele fez a escalada mais importante e que conquistou o pico mais alto e mais belo que um dia todos nós também conquistaremos.

Vá com Deus companheiro! ..."

Valeu, Zé, boa escalada!

Mães

Era Milton que tocava, enquanto eu esperava pelo meu amigo, no café da livraria. "Canção Amiga" se derramava pelos alto-falantes, no volume preciso. " – Eu preparo uma canção em que minha mãe se reconheça... todas as mães se reconheçam...e que fale como dois olhos..."

Lembrei na igreja em Laranjeiras, era uma manhã de muita chuva, metade dos bancos ocupados. Li uma epístola de São Paulo, as mãos tremendo, os olhos molhados, como se fosse para minha mãe, como se fosse para todas as mães do mundo. Você, Gilda, tinha se despedido recentemente. Uns meses depois, foi a vez da Terezinha.

Mãe não devia morrer.

Prefiro pensar que vocês, as duas, marcaram uma excursão, e foram explorar uma dimensão diferente. Mas uma dimensão também feita de montanhas, montanhas cheias de fissuras, diedros e chaminés. Montanhas cobertas de matas, matas com trilhas por abrir, trilhas que levam aos cumes, ensolarados e estrelados. Matas

que guardam cachoeiras, cachoeiras que são um pedaço dos rios. Rios que são bons de banhar, cheios de poços.

Acho que vocês vão se divertir juntas.

Acho que a gente não vai nunca esquecer de vocês, do que vocês ensinaram.

Acho que estou com os olhos molhados de novo.

Celeste

(Homenagem a Gilda Borges e Terezinha Eboli, mães dos Guias Ricardo Borges e Marcos Eboli, falecidas este ano)

Palavras que o vento não leva

Impossível não se emocionar com o que acabamos de ler. Posso mesmo dizer: são "palavras que o vento não leva".

Pois marcam fundo em nossos corações, na medida em que espelham puros sentimentos de amor, amizade, companheirismo e, mais que tudo, fraternidade e compaixão.

Desde o início admirei a Unicerj e seus ideais, fruto dos sonhos e realizações de seus fundadores e Guias.

Sei como é difícil perder alguém muito querido, sobretudo de forma inesperada e brutal, quase inexplicável. Nesses momentos, contudo, me vêm à memória os ensinamentos e sabedoria deixados por grandes mestres e filósofos sobre a continuidade da vida e sobre a verdadeira natureza de sermos indivíduos.

Somos indivíduos justamente porque algo de nós não morre, não se divide, está ligado à algo maior, sublime, e transcende a este mundo terreno, manifestado. Logo, continua!

Sei o quanto é difícil tomar consciência desta verdade, mas certamente ela serve de conforto, nos momentos de grande dor que experimentamos.

Jean Macedo

BIBLIOTECA DANIEL ALVARENGA

DANIEL ALVARENGA – A PESSOA

Desde os 19 anos, quando começou no montanhismo, Daniel Alvarenga deixou sua marca no mundo, como prova de que não veio a passeio. Mantinha uma dedicação intensa tanto ao CEB quanto ao CERJ. Uma de suas mais marcantes características era um bom humor, e quando se juntava com o José Zaib, era diversão na certa. Também era conhecido por sua persistência, fato que se comprovou quando ajudou a localizar grande parte dos fundadores do CERJ, para as comemorações dos 50 anos do Clube, que aconteceriam em 1989. Porém, veio a falecer em 1988 num acidente de trânsito, aos 24 anos.

No livro “As Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus” (1999), de autoria do Santa Cruz e Sayão, há um emocionante relato que exemplifica o significado que a vida de Daniel Alvarenga tem para a nossa história e principalmente para aqueles que conviveram com ele:

“Na base das Pedras Soltas, demos uma pausa maior do que de costume e malocamos o excesso de peso. Subimos, então, com cuidado, os cabos de aço. Filipe, Willy e Tarcisio puderam ver e sentir como alguns daqueles cabos estavam mal colocados. Enquanto subíamos, o tempo que a princípio estava magnífico, foi ficando nublado. Já na altura da Bifurcação saudávamos e éramos saudados por nossos companheiros que já estavam na conquista da Variante Gilda Borges. Voltamos a fazer uma pausa perto da base da Via Teixeira. Foi nesse ponto da subida que Filipe tirou da mochila quatro grampos de 13 mm que haviam pertencido ao seu irmão

DANIEL ALVARENGA. Ele, que participou de tantas caminhadas, escaladas e conquistas pelo CERJ e pelo CEB, paradoxalmente perdeu a vida aos 24 anos após ter sido atropelado na calçada por um motorista que dirigia embriagado. Ao utilizar seus derradeiros grampos na Via Teixeira, nós iríamos, mais uma vez, homenageá-lo e lembrar a sua passagem luminosa entre nós.”

DANIEL ALVARENGA – A HOMENAGEM

Daniel também foi homenageado com a designação de uma conquista em 23 de janeiro de 1990, por Santa Cruz, Sayão e Christian. A Descida Daniel Alvarenga, que fica localizada no Dedo de Nossa Senhora (PNSO), onde a acessamos após chegar ao cume, assinar o seu livro. A maioria dos frequentadores do Dedo de Nossa Senhora utiliza a via normal (Paredão Bendy) para a descida, por desconhecer esta bela opção. A duplicação dos grampos foi concluída recentemente numa excursão de minha ETGE em 30 de abril de 2005, quando o nosso Guia Rodrigo, debaixo de chuva, vento e frio, duplicou o último grampo que faltava. Já realizei esta descida algumas vezes, e pude compreender o quão justa é a homenagem ao Daniel, pois aqueles que o conheceram nos transmitem a memória de uma pessoa plena de companheirismo, amor e paixão. Enfim, uma pessoa tão intensa quanto as sensações obtidas na via de descida Daniel Alvarenga: Vertigem, Medo, Superação e outras tantas emoções.

A descida se inicia um pouco abaixo do cume na base da Variante Willy Chen. Dois pequenos

rapéis nos aproximam da beira de um abismo. Até então não temos a visão real da descida. É apenas no rapel seguinte, que somos lançados pela parede vertical da montanha e ancorados apenas por nossas solteiras. Neste ponto, quantas visões são descortinadas: os vales formados pelo Dedo de Deus, pelo Cabeça de Peixe, os Portais de Hércules. É tanto para ser admirado, mas nem podemos nos deter nesta contemplação, pois neste momento será exigida a nossa total atenção para os procedimentos de descida. Somamos a este rapel outros nove rumo à base, local bem confortável e próximo ao colo da montanha, o qual atingimos por uma pequena caminhada. Após este ponto é só descer a trilha normal.

DANIEL ALVARENGA – A BIBLIOTECA

Na verdade esta Biblioteca tem uma história anterior à própria UNICERJ, pois o CERJ já teve uma “Biblioteca Daniel Alvarenga”. Mas em nosso Clube ela foi criada em 1998. Inicialmente havia poucos títulos e o controle dos poucos volumes era feito numa planilha em nosso computador. Contamos hoje com o acervo de 416 livros nas categorias de ficção, romance, aventura, montanhismo, ciências, história e outros. O controle do acervo é simples, mas eficiente. Qualquer Diretor do Clube que esteja atendendo o público no balcão pode receber e emprestar livros aos sócios.

No dia 13 de novembro de 2006, aproveitando a comemoração de mais um aniversário da 1ª Carta Aberta aos Montanhistas e à Sociedade, realizamos a tão sonhada inauguração. Em plena segunda feira, reunimos em nossa sede 32 ami-

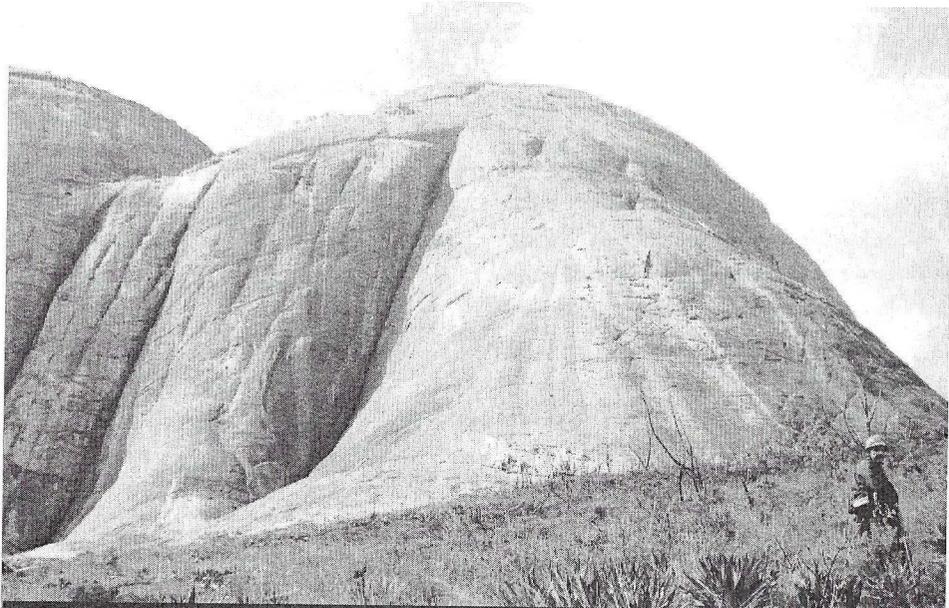


VISTA DA BIBLIOTECA NA SEDE

gos entre sócios e convidados com a presença não só de Filipe Alvarenga, mas também de sua mãe dona Arlete Alvarenga. Após descerramos a placa comemorativa, ouvimos Dona Arlete que ao agradecer a homenagem, destacou que após 18 anos de sua partida, Daniel ainda é lembrado com carinho por tantos.

Entre os projetos para o futuro, destaca-se a aquisição de obras clássicas da literatura que se tornaram denominação de vias conquistadas pela UNICERJ ou por outros Clubes e o Grupo de Estudos Latino Americanos. Não poderia deixar também de comentar, o fato de que a leitura destas obras tem despertado nos sócios um interesse que se amplia para sessões de cinema, com temas relativos ao montanhismo e outros assuntos, principalmente temas ecológicos e sociais. Estas sessões estão acontecendo tanto na forma de “excursões” a cinemas, quanto na casa de alguns sócios. Portanto, a biblioteca tem hoje um grande potencial para gerar outros interesses culturais no Clube.

François Paiva



Paredão Unidade Latino-Americana

Desde o dia 12 de agosto de 2006, o Morro das Antas tem uma via de escalada. Trata-se do Paredão Unidade Latino-Americana, via de 980 metros de extensão, que demandou 22 investidas durante mais de dois anos de dedicação a toda prova.

Falar sobre essa conquista, a primeira via de escalada no Morro das Antas, conquista esta que tanto nos orgulha, é voltar ao passado. É relembrar as memoráveis excursões que fizemos ao Paredão Mário Arnaud, na montanha vizinha, o Morro dos Cabritos, ambas no Vale dos Frades, em Teresópolis. Nessas excursões sempre podíamos ver ao nosso lado direito, uma montanha ainda maior, cortada por uma fenda incrível, com centenas de metros, por onde passaria nossa futura e sonhada via. Mas para chegar lá não seria nada fácil. E isso fez com que esse projeto ficasse adormecido.

O tempo, essa matéria-prima que nos foi

dada, foi passando e a tão sonhada conquista continuava como um projeto. Foi aí que surgiu uma reportagem numa revista especializada em escaladas que já nem existe mais (Headwall – Escalada & Aventura, nº 9, maio de 2004). Nessa reportagem aparecia uma foto do Morro das Antas, visto do Paredão Mário Arnaud, com a seguinte legenda: **Montanha vizinha ao Morro dos Cabritos, na Serra dos Frades, sem vias de escalada.** Lembro-me que mostrei a revista ao Cela. Ele se entusiasmou. Convidamos o Mocellin e marcamos a primeira investida para o dia 22 de maio de 2004.

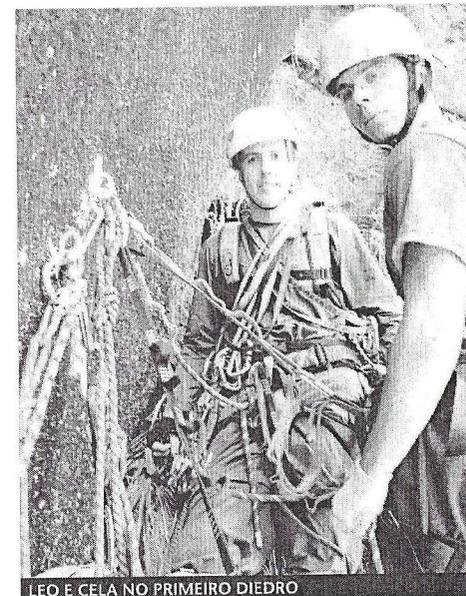
Nossa animação era grande, talvez grande até demais, como pôde ser vista no peso de nossas mochilas. Pesavam uma enormidade, com todo o tipo de material que poderíamos levar para uma conquista: cordas, grampos, marretas, friends, fitas, “milhares” de mosquetões....isso tudo para nem chegarmos na base! A abertura da trilha

que daria acesso à base consumiu todo o tempo disponível nesse dia. Foi um árduo trabalho. O cansaço imperava e a nossa única motivação era uma brincadeira que fizemos, imaginando uma recompensa, merecida mas impublicável, quando chegássemos no cume. Com essa dose extra de motivação conseguimos chegar num belo riacho, após um bosque, onde nos refrescamos com a água límpida que lá corria, além logicamente de nos reabastecermos. Mas o tempo foi passando e nada de chegarmos na possível base, onde pretendíamos alcançar um grande diedro, na parte de baixo da montanha. Voltamos.

Foi somente na segunda investida que conseguimos chegar na base e qual foi nossa surpresa ao vermos que aquele diedro começava justamente na base. Nem um centímetro acima! Só que nem tudo eram flores, quer dizer, tudo era espinhos! Como nós estávamos em uma região agreste, a vegetação espinhosa cobria uma boa parte do trajeto. E nessas primeiras investidas, todas foram feitas por ali, comigo na frente, guiando e conquistando e nossos outros companheiros jumareando logo em seguida. E tudo isso com milhares de espinhos ao redor, grudando e arranhando a gente, realmente não era fácil. Uma verdadeira provação...

E assim as investidas foram se sucedendo. Numa descobrimos que não havia apenas um diedro, mas dois! E que somados, davam por volta de 190 metros de escalada. Quando terminamos de vencer o primeiro diedro, começamos a conquista de uma via de descida diretíssima para evitar ter que descer pelos lances diagonais. Essa via de descida acabaria incluindo também o segundo diedro e sua conquista seria concluída somente em 8 de outubro de 2005. A denominamos Descida Simón Bolívar em homenagem ao venezuelano que lutou, com bravura, pela independência e unidade latino-americana.

Mais pessoas foram participando da conquista e fomos avançando. Borges, Osiris, Mário Arnaud,

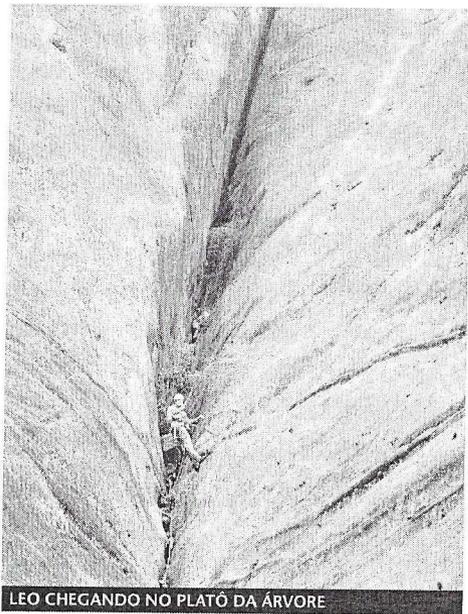


LEO E CELA NO PRIMEIRO DIEDRO

Rafael Wojcik... até que chegamos na tão sonhada chaminé que leva ao paredão final.

Na 6a. investida avançamos pela chaminé até chegar num belo platô, que apelidamos de platô da árvore. Enfim, pensávamos ter encontrado um bom local de bivaque. Não era nenhuma maravilha, mas se colocássemos alguns parafusos na pedra, daria para duas pessoas dormirem em redes e uma terceira no chão. Conforto zero, mas que nos permitiria descansar um pouco.

Descritas aqui, todas estas investidas parecem ótimas e divertidas, mas, na prática, demandaram o máximo de nossos esforços, fazendo com que chegássemos de volta ao carro completamente estropiados. Era cada vez mais difícil subir montanha acima, jumareando carregando mochilas que pareciam levar chumbo, para que se fizesse uma investida de apenas um dia. A necessidade de se bivacar na parede, para que as investidas pudessem render, era latente e inadiável. Mas se já era difícil subirmos centenas de metros jumareando, carregando apenas material para um dia de montanha, imaginem subir com uma



LEO CHEGANDO NO PLATÔ DA ÁRVORE

mochila cargueira, daquelas bem “calibradas” que costumamos levar em travessias. Seria algo sobre-humano.

Para solucionar esse problema que estava diante de nós, uma opção se mostrava interessante: uma variante que saísse do riacho e nos levasse até o que convencionamos chamar de platô intermediário, que fica um pouco antes do início da grande chaminé.

Essa opção de subida era aparentemente viável após a análise de algumas fotos tiradas a partir do Morro dos Cabritos e da própria caminhada. Cela sugeriu duas opções para essa variante e coube ao Borges escolher o trajeto que acabou se transformando na Variante Inti-Illimani. Mas antes disso, precisávamos de um período de tempo bom, já quase impossível no início de dezembro de 2004.

Na investida seguinte, feita já em abril do ano seguinte, valendo pela ETGE/2005, fizemos duas frentes. Cela guiou uma parte dos alunos pela via propriamente dita, a fim de executar melhora-

mentos na mesma, enquanto eu subi, com Santa Cruz e Favre para viabilizar a variante. Apesar de todas as dificuldades, que eram imensas, conseguimos abrir uma outra frente de “batalha” nessa “guerra” que era a conquista do Morro das Antas e, a partir de então, passaríamos a usar a Variante Inti-Illimani para chegarmos ao platô intermediário, evitando as centenas de metros de jumareadas.

Marcamos o nosso primeiro bivaque na montanha, num fim de semana de junho de 2005, no auge da temporada. Dessa vez, toda a subida do material não seria feita mais pela via, e sim pela variante, o que nos pouparia uma energia enorme. Mas, mesmo assim, a tarefa não era fácil. Subir aquele costão, com mochilas cargueiras, entupidas com todo o tipo de material, desde cordas e friends até macarrão e água era complicado, bem complicado. O cansaço era enorme, mas a obstinação que tínhamos em prosseguir esta conquista era o combustível que precisávamos para terminá-la. Afinal, se chegamos até a chaminé, o filé mignon da via, não era o cansaço que nos faria desistir.

No primeiro dia desta investida conseguimos conquistar, através do Cela, apenas um lance a partir do platô da árvore. Mas um belo lance por sinal. Precisávamos ainda preparar o nosso primeiro bivaque, colocando os parafusos necessários para a as redes de dormir. Tudo transcorria como planejado, até sermos acordados, no meio da noite, por trovões. A partir daí, ninguém mais conseguiu pregar os olhos, torcendo para que a tempestade não chegasse até nós. Mas não demos sorte. A tempestade chegou, com força, fazendo com que ficassemos completamente indefesos dentro daquela chaminé, que nada mais era que uma grande canaleta de águas pluviais. Com água quase no joelho e segurando nossas coisas para não ir montanha abaixo, torcíamos para que não fôssemos atingidos por raios, que caíam em volta da montanha. E torcíamos tam-

bém para que o nível de água não aumentasse ainda mais. A água que caía e nos cercava dava a nítida impressão que estávamos dentro de uma máquina de lavar roupa.

Por sorte nossa, a tempestade passou. Não nos aconteceu nada além do susto, felizmente. É bem verdade que estávamos completamente molhados. Não havia nenhuma parte do nosso corpo seca, mas em compensação havíamos sobrevivido a uma demonstração de força de algo muito mais forte que nós. Mas restava agora resolver o que fazer. Continuar a investida no dia seguinte estava completamente fora de cogitação. Desceríamos. Mas quando? Logo após a tempestade, que passou por volta de 1:00 hora da madrugada ou esperar o dia clarear? A primeira hipótese era tentadora, já que todos queríamos sair daquele inferno congelante, pois estávamos completamente ensopados e o vento que soprava nos fazia bater os queixos num ritmo frenético. Mas rapelar 600 metros montanha abaixo, de noite, completamente molhados, fazendo com que o peso do equipamento ficasse ainda maior, era muito perigoso. Ainda mais porque a descida a partir do platô da árvore é bem complicada, lembrando um pouco a Via Sílvio Mendes, no Pico Maior de Friburgo.

A outra opção era esperar o amanhecer. Mas o frio era de lascar. Iria ser uma provação ter que esperar, mas se ficassemos juntos, agarrados uns aos outros, literalmente, poderíamos nos aquecer minimamente até que o sol raiasse. Isso se ele fosse aparecer durante o dia. Mas contávamos com isso – uma aposta.

Optamos então pela segunda opção. Nos amontoamos no platô e agora só restava esperar o tempo passar. Quer dizer, se arrastar, já que ninguém, naquelas condições, conseguiu pregar os olhos.

No fim, tudo acabou dando certo. O sol apareceu timidamente e conseguimos descer com segurança, porém exaustos. Essa situação nos

faz refletir como somos insignificantes perante a Natureza e também nos faz dar muito valor as coisas simples da vida, como um banho de sol e descansar numa cama confortável, bem agasalhado.

Mesmo depois dessa experiência, outros bivaques aconteceram e, dessa vez, sob a luz das estrelas, num céu completamente limpo! E não mais no platô da árvore, e sim no platô intermediário. Não era um bivaque dos sonhos, mas dava pra descansar. Apesar de ficar 180 metros abaixo do platô da árvore, havíamos chegado a conclusão, na própria pele, que lá era perigoso por causa de uma eventual tempestade. Além do mais, não teríamos o desgaste de jumarear toda essa extensão, no meio de uma fenda, com mochilas cargueiras extremamente pesadas.

A essa altura do campeonato, passamos a contar com valorosa participação do Bonolo, que se integrou decisivamente na equipe de conquistadores após voltar de um período em Salvador.

As investidas foram se sucedendo, assim como os bivaques. Com isso, o rendimento aumentou e fomos conseguindo avançar metros preciosos. Bivacar na montanha deixou de ser obrigatório quando conseguimos, numa investida de um dia, chegar às 06:30 horas no platô intermediário, subindo boa parte à noite. A partir de então, a maioria das investidas foram realizadas em apenas um dia.

À medida que a conquista avançava, a empolgação aumentava também. E essa empolgação ficou ainda maior quando conseguimos, certa vez, reunir 8 participantes, sendo que sete Guias mais o nosso amigo Edilson, do Espírito Santo, que dispensa comentários. Brincávamos dizendo que, com um time desses, terminaríamos a conquista nesse dia, avançando até o cume. Só que esquecemos de combinar com o clima...a chuvinha miúda que caía insistentemente desde nossa saída de Miraflores, foi minando as espec-

tativas de todos. Todos não, vale dizer. O Santa Cruz, com seu famoso otimismo sempre dizia durante a subida que iria melhorar. "Vai melhorar, pessoal!" E nada da chuva parar. Ele repetia isso como se fosse um mantra. Até que a chuva apertou, piorando de vez nossa situação. Assim, o Bonolo, com seu humor característico, disparou: "É Osvaldo, você tem razão. Vai melhorar mesmo, porque piorar não pode!" Todos riram de nossa própria "desgraça". Concluímos que não havia a mínima hipótese de conquistar um centímetro que fosse, mas aproveitamos para regrampear a via e, com isso, aumentar sua segurança. Essa foi uma das várias vezes que nos dispomos a ir a montanha e voltamos sem ter avançado nada na conquista. Seja de forma deliberada por nós, reabrindo a trilha ou fazendo qualquer tipo de melhoramento necessário, seja de maneira forçada, principalmente devido ao clima.

O tempo foi passando, o ano de 2005 chegava ao seu fim e ainda tentamos mais algumas investidas em dezembro, mas o clima não estava propício. Assim passou o verão de 2006 e nada de investidas.

Somente em abril resolvemos programar novas investidas. Mesmo assim tivemos dificuldades devido ao mau tempo. O desânimo era inevitável. Brinquei com o pessoal dizendo que estávamos provando que a montanha era impossível de ser escalada e que até sairia no jornal: "Montanhistas Amadores, Solidários, Ecológicos e Não-Competitivos afirmam que o Morro das Antas é impossível de se escalar". Sugerí que da próxima vez levássemos alguns chórctens, daqueles que os sherpas usam no Himalaia para agradar aos deuses, a fim de obtermos bons fluidos. Colocaríamos presos num bambu para que, assim que ventasse, nossas orações pudessem ser espalhadas pela montanha e assim fazer com que conseguíssemos uma investida sem chuva...

E isso só foi acontecer, em meados de junho, quando decidimos realizar mais um bivaque na



MARINA, GABRIELA E PRISCILA NO PLATÔ INTERMEDIÁRIO

montanha. O tempo era promissor e a equipe escalada para esta investida era de respeito. Com isso, dividimos o grupo de modo que apenas três montanhistas ficariam para o bivaque no platô intermediário e o restante ficaria dando apoio logístico. Onze pessoas que dedicaram o seu tempo naquele fim de semana em prol dessa conquista. Isso mostra o tamanho dos nossos esforços em concluir essa gigantesca escalada.

Nessa ocasião, conseguimos avançar aproximadamente 60 metros. O tempo estava maravilhoso, finalmente bivacamos sem problemas. O céu à noite estava estupidamente estrelado. Não era um bivaque cinco estrelas, mas como disse o Santa: "É um bivaque de um milhão de estrelas!"

Percebemos que o fim da via estava próximo e isso nos motivou a fazermos uma exploração para redescobrirmos a trilha original do Morro das Antas. No dia 2 de julho de 2006 conseguimos atingir o cume desta montanha pela caminhada, reabrindo a antiga trilha em uma excursão formada por Buarque, Bonolo, Gabriela e Santa Cruz. Na ocasião foi instalada uma urna com o livro de cume, preservando uma antiga tradição. O fato de recuperarmos esta trilha, que por muitos anos ficou abandonada e esquecida pelos montanhistas fluminenses, nos ajudaria muito após a conclusão da conquista, quando viéssemos a retirar as cordas fixas e fazer as regrampeações necessárias.

Logo em seguida, foi feita mais uma investida, de um dia, em que chegamos a acreditar que dava para chegar ao cume. Ledo engano... mesmo acordando as 2:30 horas, entrando na trilha as 4:00 horas, chegando no último lance conquistado por volta das 9:00 horas da manhã e conquistando o dia todo, não deu pra concluirmos. Mas faltava pouco, muito pouco. Sentíamos isso...

E assim chega o dia 12 de agosto de 2006, dia que ficará gravado pra sempre na história do nosso Clube. O dia da tão esperada conquista. Passados exatos 812 dias desde daquela tentativa frustrada de chegarmos na base do que seria o futuro Par. Unidade Latino-Americana, chegamos ao cume, dessa vez pela tão sonhada escalada. Nossa equipe era formada por mim, Santa Cruz, Rodrigo, François e Osiris. Era a terceira ou quarta vez que dizíamos que concluiríamos a conquista. E dessa vez acertamos! Mas para isso, como não poderia deixar de ser, tivemos que mais uma vez dedicar todas as nossas energias para conseguirmos nosso objetivo. Com isso, fomos num ritmo excelente pelo mesmo caminho das investidas anteriores, isto é, subindo pela Variante Inti-Illimani, chegando, eu e o Rodrigo, as 9:00 horas da manhã no último lance conquistado. Aí pude constatar o quanto nossos companheiros Bonolo, Rodrigo e Buarque brilharam na investida



JOÃO LEITE NA TERCEIRA REGRAMPEAÇÃO

anterior. Fomos prosseguindo conquistando, até que em determinado momento verificamos que a inclinação da montanha melhorava muito e que as perspectivas de terminarmos eram excelentes. Continuamos subindo até que, finalmente, concluímos a escalada. Nosso sonho, depois de muito esforço e dedicação havia se tornado realidade! Comemoramos muito e logo em seguida, caímos num sono profundo...

Fomos acordados pelo Santa Cruz que chegou em seguida, radiante, e logo todos os participantes desta excursão estavam reunidos no cume. Comemoramos bastante e pensamos em todos aqueles que ajudaram a tornar essa conquista possível. Em quantas noites mal dormidas. Em quantas idas as montanha frustradas. Em quanto calor, frio, cansaço, fome, medo passamos nos aventurando em desafiar essa montanha gigantesca. Mas também lembrando os momentos únicos passados nela. As alegrias, as brincadeiras... quantas gargalhadas demos nesses mais de dois anos subindo e descendo insistentemente esta montanha.

Lembramos também dos 26 dias que dedicamos a esta conquista, durante as 22 investidas realizadas e nos 30 companheiros unicerjenses que se dedicaram, de uma forma ou de outra, para que obtivéssemos o êxito colhido nesse luminoso dia 12 de agosto.

E no final de tudo isso, fica a lição de humildade que nós homens devemos ter perante a montanha e por tudo o que lá passamos. Ainda mais uma montanha como esta. E, além disso, fica a lição mais importante. Que um objetivo, por mais difícil que seja, é possível sim de ser atingido, bastando para isso dedicação, muita dedicação.

Parabéns a todos nós que, com muito entusiasmo e união, conseguimos atingir o nosso objetivo, que era conquistar a primeira via de escalada do Morro das Antas, o Paredão Unidade Latino-Americana.

Leo

PAREDÃO UNIDADE LATINO-AMERICANA

Relação de participantes nas investidas, regrampeações e aferições.

1ª investida: 22/05/2004

Leo, Cela e Guilherme Mocellin

2ª investida: 10/06/2004

Leo, Fabio, Guilherme Mocellin e
Guilherme Sant'Anna

3ª investida: 02/10/2004

Leo, Cela, Osiris e Guilherme Mocellin

4ª investida: 06/11/2004

Leo, Borges, Cela, Osiris e Guilherme Mocellin

5ª investida: 14/11/2004

Leo, Mario Arnaud e Rafael Wojcik

6ª investida: 04/12/2004

Leo, Cela e Osiris

7ª investida: 10/04/2005

Leo, Cela, Santa Cruz, Favre, François, Osiris
e Sergio d'Oliveira

8ª investida: 18 e 19/06/2005

Leo, Cela e Osiris

9ª investida: 30 e 31/07/2005

Leo, Bonolo, Favre e Clair Pessanha

10ª investida: 10 e 11/09/2005

Leo, Cela, Santa Cruz, Bonolo, François e Thiago

11ª investida: 24 e 25/09/2005

Leo, Santa Cruz, Godinho, Osiris e Rafael
Albuquerque

12ª investida: 08/10/2005

Leo, François, Santa Cruz, Rodrigo e Rafael
Albuquerque

13ª investida: 30/10/2005

Leo, Borges, Cela, Santa Cruz, Bonolo,
Godinho, Willy e Edilso Debarba

14ª investida: 20/11/2005

Leo, Bonolo e Guilherme Mocellin

15ª investida: 23/04/2006

Santa Cruz, Rodrigo e Priscila Muniz

16ª investida: 29/04/2006

Bonolo, Buarque, Gabriela Huamán
e Mauricio Lozovey

17ª investida: 30/04/2006

Bonolo, Buarque, Jeferson Soares
e Mauricio Lozovey

18ª investida: 06/05/2006

Leo, Santa Cruz, François e Thiago

19ª investida: 15 e 16/06/2006

Leo, Bonolo, Santa Cruz, Osiris, Rodrigo, Cela,
Filipe, Thiago, Buarque, Marina Iguatemy
e Gabriela Huamán

20ª investida: 18/06/2006

Buarque, Santa Cruz, Lucia, Gabriela Huamán,
Marina Iguatemy e Natan Carvalho

21ª investida: 16/07/2006

Bonolo, Buarque, Rodrigo, Santa Cruz, Willy,
Gabriela Huamán, Natan Carvalho,
Marina Iguatemy e Priscila Muniz

22ª investida: 12/08/2006

DATA DA CONQUISTA

Leo, Osiris, Santa Cruz, Rodrigo e François

1ª regrampeação: 26/08/2006

Santa Cruz, François, Célia Caldas, Eduardo
Terra e Rafael Albuquerque

2ª regrampeação: 08/10/2006

Buarque, François, Leo, Osiris, Santa Cruz,
André Kaercher, Carlos Henrique, Eduardo
Terra, Marina Iguatemy, Natan Carvalho,
Rafael Albuquerque e Well Omura

3ª regrampeação: 28/10/2006

Bonolo, Santa Cruz e João Leite

4ª regrampeação: 11/11/2006

Leo, Bonolo, Cela, Godinho, Santa Cruz,
André Kaercher e João Leite

1ª aferição: 19/11/2006

Santa Cruz, François, Fabio, Celia Caldas,
André Kaercher e João Leite

2ª aferição: 26/11/2006

Santa Cruz, Fabio, Bonolo, Buarque, Gabriela
Huamán, André Kaercher e João Leite

3ª aferição: 10/12/2006

Santa Cruz, Osiris, André Kaercher e João Leite

UNICERJ NO PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA

Dia 3/12/2006, eu e Santa Cruz, tivemos a oportunidade de representar o Clube em um evento promovido pelo Parque Nacional do Itatiaia, em celebração ao Dia Internacional do Voluntariado, onde fomos muito bem recebidos pelo Chefe do PNI, Walter Behr e pelo Prof. Luis Sergio Sarahyba, Coordenador da Área de Uso Público do PNI.

O evento teve na sua abertura o agradecimento a todos aqueles que colaboraram com o PNI através de uma relação humana e solidária. Homenagens foram prestadas aos que, voluntariamente, têm se dedicado ao PNI como os Escoteiros, o Grupo Excursionista Agulhas Negras (GEAN), a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), a Associação de Guias de Turismo (AGUIMAN) e especialmente aos funcionários terceirizados do Parque, cujo empenho ultrapassa em muito suas atribuições. No fim da solenidade fomos convidados pelo Prof. Sarahyba, a participar da reunião da Câmara Técnica de Turismo de Montanha programada para o dia seguinte.

Valeu a pena participar, pois pudemos observar, como há muito tempo não víamos em nenhum dos Parques Nacionais, que a direção do PNI e seus Coordenadores estão cientes e preocupados com a prática de atividades ilícitas na sua Unidade de Conservação como a caça, pecuária, invasões, exploração de bens naturais e desmatamento. Atividades essas que são as verdadeiras ameaças ao seu equilíbrio ecológico.

Desse modo, estão trabalhando no sentido de tentar resolver esses problemas da melhor forma possível, sem a adoção de políticas de fechamento, restrições excessivas e proibições, tanto para o público em geral, como também, para as comunidades do entorno. E como disse Walter Behr "Quando não se quer resolver problemas dessa natureza a política mais fácil é dizer não". E ainda, segundo ele o interesse maior de um Chefe de Parque Nacional é que a sua Unidade de Conservação seja visitada e que suas trilhas e escaladas estejam abertas e em condições de segurança para o uso do público.

Sendo assim, para que tudo isso se torne viável, faz-se necessário o envolvimento e comprometimento dos Clubes de Montanhismo e do maior número possível de cidadãos amantes da natureza, que no exercício da sua cidadania pressionem o Estado para que cumpra o seu papel, seja investindo no quadro pessoal dos Parques Nacionais, com a criação e regulamentação da carreira de Guarda-Parque (que por sinal é muito respeitada em todos os Parques Nacionais do planeta), seja provendo recursos financeiros para viabilizar a gestão e manutenção das Unidades de Conservação, recursos estes que são, na maior parte, oriundos dos tributos arrecadados e que devem ser aplicados eficazmente na melhoria da qualidade de vida da população.

Lucia

Atividades realizadas na Unicerj nos últimos 12 meses

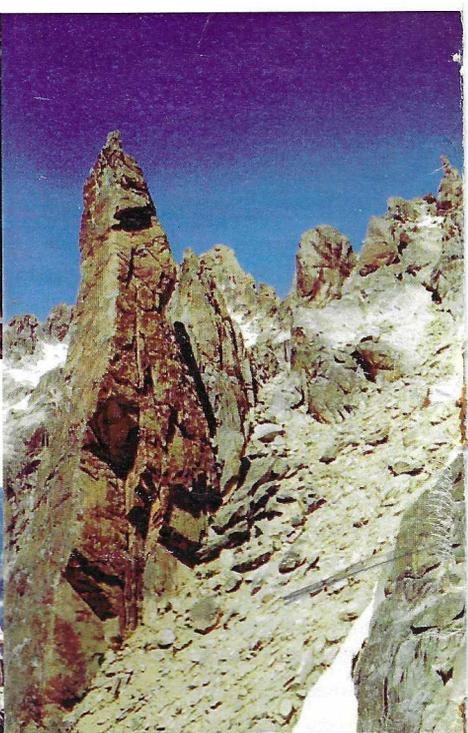
No período de 1 de dezembro de 2005 a 30 de novembro de 2006 tivemos na Unicerj 357 atividades com um total de 2.629 participantes, numa média de 7,4 participantes por atividade e de 6,9 atividades por semana. Foram 105 caminhadas, 173 escaladas, 14 treinamentos em Campo Escola, 9 excursões ecológicas e 24 atividades de conquista ou regrampeação. Fizemos ainda 6 mutirões de organização da sede, 18 aulas e palestras, 2 Seminários de Guias além de 6 festas e confraternizações.



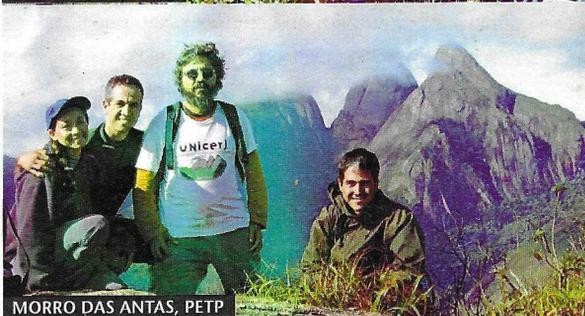
FORMATURA DA ETGE/2005



PICO DO ECO, PNSO



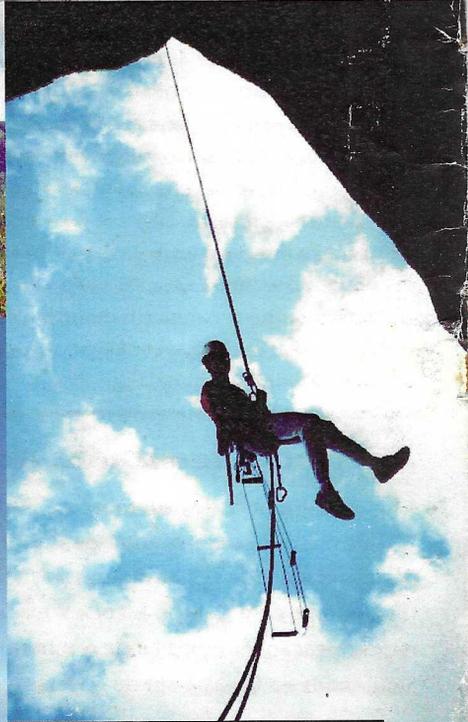
AGULHA LA VIEJA, PN NAHUEL HUAPI, ARGENTINA



MORRO DAS ANTAS, PETP



SÃO PEDRO, PNSO



DES. RIO DE JANEIRO, DEDO DE DEUS, PNSO